



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

LIS MAXIMO E MELO

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL DA LIBRAS A PARTIR DO GÊNERO
INSTITUCIONAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O CASO DA SÉRIE "QUE
CURSO EU FAÇO?" DO LABI/UFSCAR**

2019

LIS MAXIMO E MELO

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL DA LIBRAS A PARTIR DO GÊNERO
INSTITUCIONAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O CASO DA SÉRIE "QUE
CURSO EU FAÇO?" DO LABI/UFSCAR**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais - Libras/ Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para a obtenção do título de Bacharel em Tradução e Interpretação em Libras/ Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento.

São Carlos
2019

*Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa paz.
(Oração de São Francisco).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido vir ao mundo junto das pessoas que eu mais amo e juntos trilharmos os caminhos rumo a Ti. Nesse percurso só tenho a agradecer aos meus pais que sempre apoiaram a mim e a meus irmãos nos estudos e na pesquisa científica como meio de emancipação, profissionalização e realização pessoal. É um privilégio fazer parte de uma família de professores que me deram todas as oportunidades de concluir a minha segunda graduação e realizar mais este sonho.

Às minhas melhores amigas Franciele e Jucemara, agradeço pela parceria e pelo comprometimento nos trabalhos em grupo nesses quatro anos, a paciência que vocês tem comigo e claro os momentos mais divertidos que passamos juntas. Vocês são mulheres maravilhosas!

Ao meu grande amigo Adauto, agradeço por ter me apadrinhado na profissão, por ser o excelente profissional que é e inspiração para minha carreira que começa agora. Por todas as portas que você abriu para mim, pelos conselhos e longas conversas madrugadas a dentro, pelo esforço diário de não deixar a amizade afrouxar por conta da distância e das atribulações da vida. Você é um irmão que a vida me trouxe!

Às amigas jagunças da equipe de jiu-jitsu da UFSCar Ana, Daniela, Larissa, Letícia, Milena vocês são o conforto no meio do desconforto, minha fonte de motivação e disciplina para a evolução no esporte que amamos. Agradeço sobretudo meu professor Tattinho pelo suporte e principalmente por acreditar e incentivar a prática da arte suave para o público feminino num ambiente tradicionalmente masculino. Com o jiu-jitsu aprendi que tudo é questão de tempo, dedicação e disciplina, tudo mesmo! Vocês mudaram a minha vida de forma irreversível! Que bom!

À generosidade da comunidade surda em compartilhar a sua língua e sua cultura e nos ensinar tanto todos os dias com toda a paciência necessária.

Aos intérpretes da SETILS por serem referência de profissionalismo e trabalho em parceria para nós futuros tradutores e intérpretes, por me atenderem sempre que eu pedi ajuda, pela companhia na hora do almoço no bandejão, e por sempre me apontarem qualidades quando eu só via defeitos. Nunca vou me esquecer de tudo que fizeram por mim!

Aos sujeitos de pesquisa Anderson e Joyce, pela gentileza de contribuir com a minha formação, pelos ensinamentos que aprendi com vocês durante a autoconfrontação, pela paciência e disposição do Anderson e pelo coração enorme da Joyce!

Ao meu querido professor orientador Vinícius por ter me aceitado como orientanda tão prontamente lá no fim de 2017 e por ter apontado o norte toda vez que me senti perdida nos caminhos da pesquisa, por ter sido força quando desanimei, por ter sido parceiro nos congressos que participamos, por confiar no compromisso que firmamos na iniciação científica e me deixar a vontade no desenvolvimento da minha escrita, assim como ter apontado cada falha sempre didaticamente construindo juntos o texto final deste trabalho. Foram dois anos muito produtivos e desafiadores! Foi uma honra ter sido sua aluna! Sentirei saudades!

À FAPESP pelo apoio financeiro à pesquisa de Iniciação Científica que, também, resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a cada um dos professores da banca pelos comentários e contribuições para a minha formação e por fim, agradeço a todos os professores do curso TILSP que se dedicam muito além de suas jornadas de trabalho para construir esse curso e fazer com que realizemos nosso sonho: nos tornarmos profissionais tradutores e intérpretes capacitados.

RESUMO

MELO, L. M. *Tradução audiovisual de vídeos institucionais para a Libras: estratégias, escolhas e decisões na série "que curso eu faço?"* do LAbI/UFSCar (TCC). Bacharelado em Tradução e Interpretação Língua Brasileira de Sinais – Libras/ Língua Portuguesa, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

A recente produção de filmes acessíveis em Libras foi impulsionada pela Lei Brasileira de Inclusão, 13.146/2015, que dispôs sobre o uso da janela de Libras nas transmissões de radiodifusão de sons e imagens em todas as peças audiovisuais. Em 2016 a Agência Nacional de Cinema (ANCINE), pela publicação da Instrução Normativa no 128, que regulamentou a acessibilidade de toda a produção cinematográfica brasileira. Como efeito, vídeos dos mais diferentes gêneros vêm sendo traduzidos para Libras. Entretanto, devido ao campo ser extremamente novo e a formação desses profissionais estar, ainda, em construção, não se sabe, ao certo, quais são as estratégias que esses profissionais utilizam para lidar com essa demanda tradutória. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo descrever as estratégias de tradução a partir de vídeos institucionais de gênero divulgação científica produzido pelo Laboratório Aberto de Interatividade para Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico (LAbI) realizada por dois tradutores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa, que é de abordagem qualitativa, tem como fundamentação teórico-metodológica a perspectiva bakhtiniana de estudos da linguagem, os estudos da tradução e interpretação da língua de sinais e os estudos sobre a linguagem audiovisual. O dispositivo metodológico para a descrição das estratégias de tradução é a autoconfrontação simples no qual os tradutores participantes assistiram ao vídeo por eles traduzidos e comentaram sobre as escolhas e estratégias à medida em que foram assistindo-se em atividade. Os enunciados foram transcritos conforme proposta de transcrição intramodal e intermodal de Nascimento (2016) separando as estratégias relatadas em duas categorias: (i) os temas em comum aos dois tradutores e (ii) os temas individuais relatados. Foram reconhecidas estratégias comuns a partir do estudo prévio, do trabalho em equipe, do público alvo e recursos enunciativos-discursivos. Espera-se que essa pesquisa contribua diretamente com a formação de tradutores de Libras para atuarem nas produções audiovisuais demandadas socialmente na atualidade.

Palavras-chave: Libras, tradução audiovisual, janelas de libras.

ABSTRACT

The recent production of accessible films in Brazilian Sign Language (Libras) was driven by the Brazilian Inclusion Law, 13.146 / 2015, which provided for the use of the Libras screen-inset TV for sound and image broadcasting in all audiovisual political pieces. In 2016 the National Film Agency (ANCINE) publicized the Normative Instruction No. 128, which regulated the accessibility of all Brazilian film production. As a result, videos from different genres have been translated into Libras. However, because the field is extremely new and the training of these professionals is still under construction, it is not known for sure which strategies these professionals use to deal with this translation demand. In this sense, this paper aims to describe the translation strategies from institutional videos of scientific dissemination genre produced by the Open Laboratory of Interactivity for the Dissemination of Scientific and Technological Knowledge (LAbI) conducted by two translators of the Federal University of São Carlos (UFSCar). The research, which has a qualitative approach, has as its theoretical and methodological foundation the Bakhtinian perspective of language studies, studies of sign language translation and interpretation, and studies on audiovisual language. The methodological device for describing translation strategies is the simple self-confrontation in which the participating translators watched the video they translated and commented on the choices and strategies as they watched themselves in activity. The data were transcribed according to Nascimento's (2016) proposal for monomodal and intermodal transcription and the reported strategies were described, separating in two categories: (i) the themes in common to both translators and (ii) the individual themes reported. Common strategies were recognized from previous study, teamwork, target audience and enunciative-discursive resources. This research is expected to contribute directly to the training of Libras translators to act in the socially demanded audiovisual productions today.

Key words: Libras, audiovisual translation, Libras screen-inset

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| LISTA DE SIGLAS | 9 |
| LISTA DE FIGURAS | 10 |
| LISTA DE QUADROS | 11 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2. O CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL DA LÍNGUA DE SINAIS NA ESFERA AUDIOVISUAL..... | 14 |
| 2.1. ESTUDOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL | 14 |
| 2.2. PERCURSO HISTÓRICO E LEGAL DA TAV NO BRASIL | 20 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA..... | 26 |
| 4. METODOLOGIA | 36 |
| 4.1. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE PESQUISA E DA COLETA DO <i>CORPUS</i> | 36 |
| 4.2. METODOLOGIA DE TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE | 44 |
| 5. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> | 48 |
| 5.1. MAPEAMENTO DE ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS | 48 |
| 5.1.1. <i>Estudo prévio</i> | 49 |
| 5.1.2. <i>Trabalho em equipe</i> | 50 |
| 5.1.4. <i>Recursos enunciativo-discursivos</i> | 55 |
| 5.2. DISCUSSÃO DAS ESTRATÉGIAS ENCONTRADAS | 69 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 72 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 73 |
| 8. ANEXOS..... | 79 |
| ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA PROFISSIONAL DA UFSCAR | 79 |
| ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 82 |

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANCINE – Agência Nacional do Cinema
ASSC – Associação de Surdos de São Carlos
CL - Classificador
EI – Estudos da Interpretação
ET – Estudos da Tradução
ETILS – Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais
IN – Instrução Normativa
LAbI – Laboratório Aberto de Interatividade
LATRAVILIS – Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais
Libras – Língua Brasileira de Sinais
LP – Língua Portuguesa
NBR – Norma Técnica
NURC – Norma Urbana Oral Culta
Prograd – Pró - Reitoria de Graduação
Prolibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa
SAADE – Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade
SEaD – Secretaria Geral de Educação a Distância
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SeTILS - Seção de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais e Língua Portuguesa
SiSU – Sistema de Seleção Unificada
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
TALS – Tradução Audiovisual em Língua de Sinais
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
TILSP – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa
TAV – Tradução Audiovisual
TAVa – Tradução Audiovisual Acessível
TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1: MAPA DE HOLMES..... | 17 |
| FIGURA 2: MAPA DE WILLIAM & CHESTERMAN..... | 17 |
| FIGURA 3: IMAGEM DA VINHETA DE ABERTURA DO VÍDEO SELECIONADO E IMAGEM DA JANELA DE LIBRAS, RESPECTIVAMENTE | 42 |
| FIGURA 4: PLANTA BAIXA DA SALA ONDE OCORREU A COLETA PILOTO | 43 |
| FIGURA 5: À ESQUERDA, IMAGEM DA CÂMERA A E À DIREITA, IMAGEM DA CÂMERA B..... | 43 |
| FIGURA 6: À ESQUERDA PLANTA BAIXA DA SALA E À DIREITA, IMAGEM CAPTADA PELA CÂMERA..... | 44 |
| FIGURA 7: À ESQUERDA IMAGEM DA VINHETA DE ABERTURA DO VÍDEO DA COLETA2, À DIREITA IMAGEM DA JANELA DE LIBRAS..... | 45 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO 1: TRANSCRIÇÃO DE UM TRECHO DA COLETA PILOTO | 47 |
| QUADRO 2: SISTEMA DE TRANSCRIÇÕES DAS AUTOCONFRONTAÇÕES..... | 48 |
| QUADRO 3: CATEGORIAS DE ESTRATÉGIAS TRADUTORAS ORGANIZADAS EM TEMAS | 49 |
| QUADRO 4: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 1..... | 57 |
| QUADRO 5: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 2 | 60 |
| QUADRO 6: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 3 | 62 |
| QUADRO 7: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 4 | 65 |
| QUADRO 8: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 5 | 66 |
| QUADRO 9: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 6 | 67 |
| QUADRO 10: TRANSCRIÇÃO INTRAMODAL 7 | 69 |

1. INTRODUÇÃO

Para contextualizar o leitor sobre o ponto de partida que culminou na escrita deste texto é preciso contar também um pouco da trajetória da pesquisadora envolvida, pois o interesse pela tradução audiovisual deve-se a minha formação inicial como bacharel em Imagem e Som pela UFSCar e pela minha experiência profissional de dez anos como editora de vídeos. Assim em 2015 busquei uma recolocação profissional que correspondesse às minhas novas expectativas de vida e em 2016 ingressei no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua de Sinais – Libras/ Português. Por isso, esta pesquisa foi motivada pelo interesse em colocar em diálogo a área do audiovisual, onde realizei minha primeira formação, com a área da tradução e interpretação em Libras e língua portuguesa (TILSP)¹ que é um novo universo a ser explorado, inclusive por mim como aluna do curso e futura profissional do campo. A partir da minha experiência com edição de vídeo é que percebi a necessidade de reflexão sobre minha prática e sobre o alcance que meus vídeos editados poderiam ter ou não ter a depender da língua do público alvo.

A mudança de perspectiva profissional, de um olhar técnico para um olhar humano, permitiu uma compreensão mais abrangente da função que o produto audiovisual tem numa sociedade, principalmente nas questões sobre cidadania e trocas culturais.

O momento em que vivemos é de efervescência da prática da tradução do português para a Libras na esfera audiovisual. O aumento da visibilidade desta prática na sociedade promove uma mudança cultural em favor do reconhecimento de que o audiovisual precisa ser acessível e tende à consolidação da atuação profissional do TILSP.

Em 2018 foi submetido um projeto de pesquisa à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e fui contemplada com uma bolsa de iniciação científica (Processo: 2018/16642-5) sob orientação do Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento, orientador também deste trabalho, que foi desenvolvida no decorrer do ano de 2019 no grupo de estudos Grupo de Estudos Discursivos das Línguas de Sinais

¹ A sigla TILSP não corresponde literalmente à tradução e interpretação em Libras e Língua Portuguesa. Entretanto, essa é a sigla comumente utilizada pelos profissionais do campo. O curso de graduação da UFSCar a adotou como sigla oficial do curso em seus sistemas internos. Por essa razão, será utilizada aqui essa sigla para designar o tradutor/tradução e intérprete/interpretação em Libras e Língua Portuguesa.

(GEDILS) junto ao Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS). A bolsa de pesquisa e a vinculação ao grupo de pesquisa e laboratório permitiram o desenvolvimento e a discussões que se encontram aqui registrados.

O leitor poderá acompanhar a reflexão a seguir sobre a prática do TILSP na esfera audiovisual e encontrará um breve levantamento histórico-legal das demandas que promoveram o campo da tradução/interpretação no cenário audiovisual brasileiro, bem uma breve narrativa dos estudos acadêmicos das línguas de sinais no Brasil, dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação das Línguas de Sinais, da Tradução Audiovisual (TAV) e da Tradução Audiovisual acessível (TAVa).

Em seguida explicitamos nossa base teórico-metodológica que é discutida sob três perspectivas: (i) os estudos da linguagem segundo Bakhtin e seu Círculo, (ii) os Estudos da Tradução e (iii) os Estudos do Audiovisual. O dispositivo que permitiu a construção dos *corpus* foi a autoconfrontação simples e os enunciados decorrentes do seu uso foram transcritos pelo modelo de transcrição intermodal e intramodal de Nascimento (2016). Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para com as reflexões de futuros TILSP na esfera audiovisual.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL DA LÍNGUA DE SINAIS NA ESFERA AUDIOVISUAL

2.1. Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais no Brasil

O estudo das línguas de sinais é recente no universo acadêmico. Até os anos 1960 essas línguas eram consideradas como mímica e gestos desconexos e sem sentido e não poderiam, pelo instrumental da Linguística Moderna, serem observadas como sistemas humanos de comunicação. Entretanto, após os estudos descritivos realizados pelo linguista e professor do Departamento de Inglês da *Gallaudet University*, Willian Stokoe, na década de 1960, sobre a língua de sinais americana, as línguas de sinais ganharam espaço nesse e em outros campos das Ciências Humanas. Isso desencadeou estudos realizados por linguistas do mundo inteiro sobre as línguas de sinais em seus países.

No Brasil, a língua brasileira de sinais (Libras) começou a ser descrita por linguistas em meados da década de 1980 impulsionando, também, estudos e pesquisas que, para além da descrição de sua composição linguística, a observam em situações de uso em diferentes esferas sociais. Esses usos são promovidos por meio de diferentes atividades sociais que vão desde o diálogo cotidiano corriqueiro de surdos e ouvintes até o seu ensino como segunda língua e práticas de tradução e de interpretação. Dentre essas práticas, as atividades tradutórias e interpretativas envolvendo essas línguas tem crescido exponencialmente desencadeando pesquisas sobre o traduzir e o interpretar línguas dessa modalidade, bem como sobre quem as realiza: o tradutor e o intérprete. Essas pesquisas constituem o que hoje tem se denominado Estudos da Tradução e da Interpretação da Língua de Sinais (ETILS), conforme defendem Rodrigues e Beer (2015, p. 23):

[...] as pesquisas sobre a tradução e o traduzir e sobre a interpretação e o interpretar envolvendo línguas de sinais inscrevem-se, respectivamente, nos Estudos da Tradução (ET) e nos Estudos da Interpretação (EI) e se afirmam como uma vertente específica ao trazer as implicações da modalidade gesto-visual a esses campos disciplinares, ampliando e diversificando suas possibilidades de análise e reflexão. Além disso, contribuem, também, com diversas reflexões e saberes relacionados à interpretação comunitária e interpretação de conferências, além de questões vinculadas a aspectos éticos, culturais e profissionais.

Os ETILS no Brasil são extremamente recentes sendo que, tradicionalmente, a tradução e a interpretação da língua de sinais eram abordadas muito mais em outros campos como o da educação e da linguística. Tal afirmação parte dos estudos de Santos

(2013) que levantou o estado da arte de pesquisas de mestrado e doutorado relacionados ao tema no período de 1990 a 2010 e revelou que, no período, apenas 1 tese e 4 dissertações sobre tradução de língua de sinais foram desenvolvidas e publicadas, sendo que, desses trabalhos, 2 se relacionavam à tradução na área da literatura e 3 na área de procedimentos de tradução de língua de sinais.

Os marcos temporais do aumento da produção de pesquisa observados por ela são a criação da Editora Arara Azul, o início do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), os estudos de *Sign Writing*² e a discussão sobre tradução cultural em basicamente dois contextos: o literário e o acadêmico/linguístico. Como uma característica das pesquisas de língua de sinais nos ET no Brasil, a autora evidencia que:

De forma geral, nos Estudos da Tradução no Brasil não são comuns pesquisas ou trabalhos de tradução a serviço do contexto educacional. No entanto, na língua de sinais, o contexto educacional reúne um elo de convergência entre os resultados obtidos nas pesquisas em TILS (SANTOS, 2013, p.125).

Quanto à interpretação de língua de sinais a autora mapeou 3 teses e 26 dissertações naquele período sendo que as primeiras tratam das questões da inserção do intérprete no contexto educacional. Já as dissertações vão desde investigações sobre o processo interpretativo entre o par linguístico português/Libras, a formação de intérpretes, recursos terminológicos, entre outros (SANTOS, 2013).

Rodrigues & Beer (2015) apresentam uma atualização nos dados de Santos (2013) levantando as pesquisas produzidas no período de 2010 a 2014 que confirmam a tendência apontada por Santos, no período anterior, de ampliação das pesquisas de línguas de sinais no campo dos ETILS.

Se os ETILS se localizam na intersecção entre os Estudos da Tradução (ET) e os Estudos da Interpretação (EI) (RODRIGUES & BEER, 2015), faz-se necessário refletir, então, sobre o local da Tradução Audiovisual nesses estudos, uma vez que nos interessa compreender como se dá a tradução para a língua de sinais na esfera audiovisual.

² O *sign writing*, ou escrita de sinais, “foi desenvolvido pela norte-americana Valerie Sutton, por volta da década de 70 e despertou a atenção de pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa na Universidade de Copenhague, que viram naquela escrita uma possibilidade para notação dos sinais utilizados na comunicação/interação das pessoas que fazem uso desta língua visual” (DALLAN; MASCIA, 2010, p. 4). É possível saber mais a respeito acessando “Um capítulo da história do *SignWriting*”. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>

Segundo Rodrigues (2013) houve uma iniciativa entre os pesquisadores da área da tradução de torná-la uma disciplina autônoma e isso motivou Holmes (1972) a propor um mapeamento das principais áreas de pesquisas em tradução, conforme ilustração abaixo:

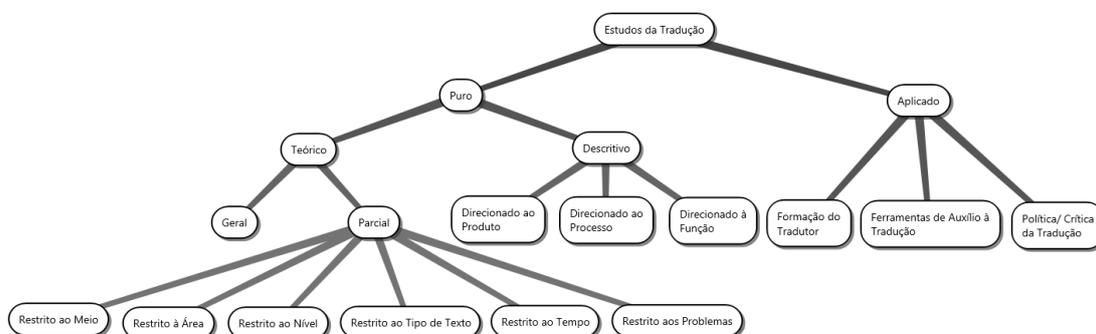


Figura 1:
Fonte: Mapa de Holmes. Fonte Pym e Turk (1998, p. 278) *apud* Rodrigues (2013, p. 19).

Com o desenvolvimento do campo, a tradução passou a ser estudada interdisciplinarmente com diversas metodologias e arcabouços teóricos. Conseqüentemente houve a necessidade de atualizar o mapeamento das pesquisas na área e Williams e Chesterman (2002) propuseram o seguinte mapa em que, diferente do primeiro, constava a Tradução Multimídia:

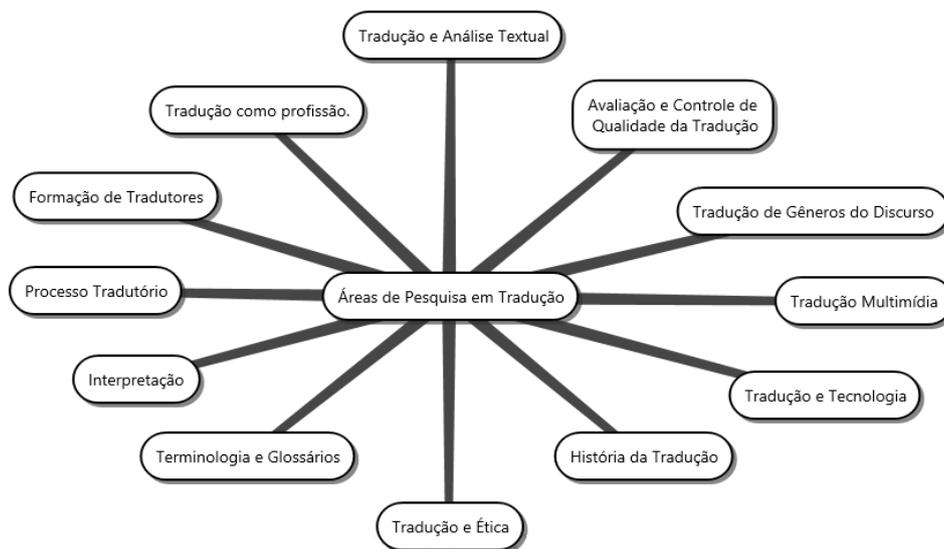


Figura 2:
Mapa de Williams & Chesterman (2002).
Fonte: Williams & Chesterman, (2002) *apud* Rodrigues, (2013, p.20).

Segundo Rodrigues (2013) mais recentemente (2011) a editora *Saint Jerome Publishing*, especializada em publicações sobre tradução, classificou suas obras em 27

categorias: (1) Tradução Audiovisual e Multimídia; (2) Tradução Bíblica e de textos religiosos; (3) Bibliografias; (4) Interpretação em contextos comunitários e de prestação de serviços; (5) Interpretação Simultânea e de Conferências; (6) Estudos Contrastivos e Comparados; (7) Estudos baseados em Corpus; (8) Interpretação Legal e Jurídica; (9) Avaliação e controle de qualidade; (10) História da Tradução e Interpretação; (11) Estudos Interculturais; (12) Estudos da Interpretação; (13) Tradução Literária; (14) Tradução Automática e auxiliada pelo computador; (15) Trabalhos em categorias múltiplas; (16) Estudos do processo tradutório; (17) Metodologia de Pesquisa; (18) Interpretação em Língua de Sinais; (19) Tradução técnica e especializada; (20) Terminologia e Lexicografia; (21) Tradução e gênero; (22) Tradução e ensino de língua; (23) Tradução e Política; (24) Tradução e indústria de prestação de serviços linguísticos; (25) Políticas de Tradução; (26) Teoria da Tradução e (27) Formação de Tradutores e Intérpretes.

É importante notarmos que dentre essas categorias apareceram além da Tradução Audiovisual e Multimídia, a categoria Interpretação em Língua de Sinais, que nos dá sinais do interesse em publicações nessas áreas e revelam o reconhecimento entre os estudiosos da especificidade desses campos de estudos.

Nesse período, a Tradução Audiovisual (TAV) foi reconhecida nos ET como um dos campos de estudo, pesquisa e prática da prática tradutória. Nesse reconhecimento, foi preciso, também, definir o que significa audiovisual: “onde há um sinal acústico e um sinal visual, independentemente de ser transmitido através de uma tela (que pode ser ao vivo ou não) ou de um palco (sempre ao vivo)” (FRANCO & ARAÚJO, 2011, p.3). Inicialmente a TAV foi pensada com o objetivo de traduzir materiais audiovisuais em idiomas diferentes. Segundo as autoras, o ramo de estudos da TAV iniciou na década de 1990 com as pesquisas de Gambier (1995, 1996, 1998) e Gottlieb (1997 e 2000) e as modalidades principais de TAV são a dublagem, a legendagem, o *voice over*, a narração (*voice off*) e a audiodescrição (FRANCO & ARAÚJO, 2011).

Atualmente, a significativa produção acadêmica na TAV tem se voltado para compreender o impacto que a tecnologia digital proporcionou na TAV e na produção acadêmica da área. Diferentemente dos estudos das línguas de sinais que foram motivados pela educação de surdos e aos poucos alcançaram a área de ET, na Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), como foi denominada por Araújo & Alves (2017) as modalidades de tradução voltadas para pessoas com deficiência sensorial tais como a

audiodescrição, janela de interpretação de língua de sinais e legendagem para surdos e ensurdecidos, como campo de estudos foi motivada pelo movimento a favor da garantia aos direitos humanos.

De acordo com Greco (2018), duas revoluções históricas contribuíram para o interesse da pesquisa na área da acessibilidade em geral. A primeira é a produzida pelos direitos humanos e a segunda pelas tecnologias de comunicação e informação (TICs). No início do século passado o debate de que os seres humanos necessitam de bens materiais e imateriais para terem uma vida digna culminaram na Declaração dos Direitos Humanos que se apoia em duas essências: a dignidade humana e o acesso. O acesso não significa apenas

[...] um indivíduo ter um bem à sua disposição ou ter a possibilidade de alcançá-lo. Ter acesso também significa ter capacidade de utilizá-lo, de interagir com e apreciá-lo. Graças a revolução cultural produzida pelos direitos humanos, ficou claro que o acesso é um **requisito necessário** ao respeito à dignidade humana como um todo. (grifo do autor) (GRECO, 2018, p. 208)³

A segunda revolução é a da informação que modificou os mecanismos de acesso ao mundo e aos outros, isto é, modificou as formas de consumo e produção de bens, assim como a forma de nos relacionarmos. Chaume (2018) assinala que

[a tecnologia digital] é a causa primária da atual efervescência de novas formas de elaboração e consumo de produtos audiovisuais, pelo uso otimizado de novos dispositivos (*laptops, tablets, smartphones*) e também pelas novas formas de comunicação (redes sociais, colaboração coletiva). Consequentemente, o desenvolvimento tecnológico provocou novos modos de transferência audiovisual, ou a combinação deste. (CHAUME, 2018, p. 41)⁴

Consequentemente, o acesso e a falta dele criaram novas formas de exclusão entre aqueles que tem acesso às TICs e aqueles que não tem. Segundo Greco (2018)

³ Na fonte: “[...] *access does not merely mean for an individual to have a good at her disposal or to have the possibility to reach it. Having access also means being able to use, interact with, and enjoy that good. Thanks to the cultural revolution produced by human rights, it has become clear that access is a necessary requirement for the respect of the human dignity of all.*”

⁴ Na fonte: *It has been the primary cause for the current blooming of new forms of elaboration and consumption of audiovisual products, for the optimized use of new devices (laptops, tablets, smartphones) and also for new forms of communication (social networks, crowdsourcing). Consequently, technological developments have brought about new audiovisual transfer modes, or new combinations of the latter.*

Na era da informação, a acessibilidade se tornou o solo no qual negociações de poder e lutas sociais tomam lugar. Considerar a questão das línguas na *web*, que “servem de contraponto à percepção da concentração de questões que envolvem a sociedade da informação sobre as TICs e seu impacto” (Instituto de Estatística da UNESCO, 2005, p. 7) e, mais especificamente, a sub-representatividade de línguas minoritárias e os efeitos nas culturas e comunidades relacionadas.(GRECO, 2018, p. 208)⁵

A respeito da primeira revolução, a comunidade surda brasileira uniu forças para reivindicar direitos sociais e linguísticos a partir dos anos 1980⁶ que culminaram no reconhecimento da língua de sinais como meio de comunicação e expressão dessa comunidade com a Lei 10.436/2002 como discutiremos no próximo tópico. Em contrapartida, a segunda revolução proporcionou o acesso e a circulação da língua de sinais na *web* uma vez que as facilidades de gravação de vídeos em celulares e chamadas de vídeo promoveram uma forma de registro da língua em uso e consequente visibilidade e legitimidade.

Todavia, nos meios tradicionais de comunicação como o cinema e a TV a tradução audiovisual da língua de sinais (TALS), conforme proposta de Nascimento e Nogueira (2019), ainda encontra barreiras em parte por falta de fiscalização do poder público, em parte por falta de interesse das distribuidoras cinematográficas e concessionárias de radiodifusão.

A Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), nesse sentido, é um campo de estudos que surgiu em acordo com as reivindicações da primeira revolução e o Brasil não esteve fora dessa discussão naquele contexto, o que culminou no movimento dos surdos e de outras pessoas com deficiências pela garantia dos seus direitos, como a informação, educação e comunicação, e com isso movimentou a estrutura do setor audiovisual que passou a trabalhar com tradutores e intérpretes de língua de sinais. Essa pesquisa se interessa por compreender este percurso de conquistas dos surdos falantes de Libras e faz um breve apanhado histórico no tópico seguinte.

⁵ Na fonte: *In the information age, accessibility becomes the ground on which power negotiations and social struggles take place. Consider the issue of languages on the web, which “serves as a counter to the perceived concentration of issues surrounding the information society on ICTs and their impact” (UNESCO Institute for Statistics, 2005, p. 7), and more specifically the under-representation of minority languages and the effects on the related cultures and communities.*

⁶ Para mais informações a respeito do movimento surdo consultar Brito, Neves, Xavier (2013).

2.2. Percurso histórico e legal da TAV no Brasil

Alguns documentos legais foram marcos importantes para a promoção da acessibilidade no Brasil. Destacam-se (i) a Lei N. 10.048 de 2000 que dispõe sobre prioridade de atendimento às pessoas com deficiência e dá outras providências; (ii) Lei nº 10.098 de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida; e o (iii) Decreto nº 5.296 de 2004 que regulamenta essas leis.

Em relação à Libras destaca-se a Lei N. 10.436 de 2002 que reconhece essa língua como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras e o Decreto nº 5.626 de 2005 que regulamenta essa lei determinando, dentre outras coisas, que o poder público promova a divulgação da Libras pelas redes concessionárias públicas e, dentre outros aspectos, garanta o acesso dos surdos aos produtos e serviços públicos, como saúde e educação, por meio da atuação de tradutores e intérpretes de língua de sinais e língua portuguesa (TILSP). Esse decreto é considerado, conforme destaca Nascimento (2016a), um divisor de águas para a comunidade surda brasileira porque impulsionou ações concretas de inclusão para que os surdos pudessem ver a sua língua circulando nos espaços em que eles, enquanto cidadãos brasileiros, já participavam cotidianamente por meio de estratégias comunicacionais criadas por eles próprios.

Uma forma de divulgação da Libras é a visibilidade no audiovisual. Isso promove reconhecimento da sociedade para esta língua além de garantia ao acesso às informações que circulam para os surdos, bem como cultura, arte e educação são compartilhadas na mídia e constituem os traços identitários de grupos sociais.

O audiovisual em todas as suas vertentes, cinema, TV, rádio etc., são manifestações da cultura nacional e, portanto, da identidade da sociedade brasileira, como aponta Anjos (2017):

A cinematografia permite a troca de informações em massa e a consequente formação de cultura, promovendo inclusive a reflexão sobre temas latentes na sociedade ao representar diferentes pontos de vista e até mesmo recortes sobre situações vivenciadas pela sociedade. (p.27).

Ao refletirmos sobre a circulação cultural por meio do audiovisual, como é garantida na Constituição Federal em seu artigo nº 215 que diz que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e

apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988), é justo que os surdos possam se expressar em Libras e verem suas manifestações nesta esfera.

Embora a Libras tenha sido reconhecida como meio de comunicação e expressão da comunidade surda pela Lei nº 10.436/02 e o Decreto nº 5.626/05, muitas vezes por falta de acessibilidade comunicacional os surdos ficam à margem das representações culturais da sociedade da qual fazem parte, pois

[...] segundo o último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, [...] aproximadamente, 5,10% possuem limitações parciais e/ou totais da audição. Essa parcela constituinte da heterogeneidade do público alcançado pela televisão brasileira não partilha desse meio de comunicação e de seu conteúdo audiovisual, devido à ausência de recursos efetivos de acessibilidade. Os surdos, enquanto telespectadores impossibilitados de apreensão das informações por meio da audição ficam, em parte, de fora no que tange à transmissão da cultura audiovisual. (NASCIMENTO, 2016a, p. 40-41)

Visto que o setor audiovisual encontra limitações quanto a acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial, sobretudo os surdos, outras leis e normas foram criadas como por exemplo o Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual definido pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) em 2013 e a Lei nº 13.146 de 2015⁷.

o Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual, da Ancine (2013), estabelece várias metas e indicadores, envolvendo toda a cadeia produtiva do audiovisual e relacionados à acessibilidade, em especial à audiodescrição e ao *closed caption*. Este Plano não previa a inserção da Janela de Libras, incorporada à legislação por meio da Instrução Normativa nº 116, de 18 de dezembro de 2014, também da Ancine, que dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos por essa agência (NAVES, et al., 2016, p. 15)

O Brasil é um dos países signatários da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, homologada pela Assembleia das Nações Unidas em 13 de dezembro de 2006 e conta com um arcabouço legal na área de acessibilidade na mídia inclusive, segundo mostra o mapa no portal *Media Accessibility Platform (MAP)*⁸, Brasil, Estados Unidos, Canadá e Espanha são os países com a maior quantidade de legislação e normatização.

⁷ Para saber com detalhes todo o percurso histórico dos marcos legais sugerimos consultar Spolidorio (2017).

⁸ <http://www.mapaccess.org/accessometer>

Das três modalidades de TAVa, audiodescrição, janela de interpretação de língua de sinais e legendagem para surdos e ensurdecidos, a única que contempla os surdos falantes de Libras é a janela de interpretação, que é definida como

[...] o espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais, feita por Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS), na qual o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo da tela, exibido simultaneamente à programação. (NAVES, MAUCH, ALVES, ARAÚJO, 2016, p. 15-16)

No entanto, sabemos que na prática o campo audiovisual está bem pouco acessível como mostrou Nascimento (2017, p.462):

A nova realidade de acessibilidade para surdos em vídeos político-partidários estabelecida pela LBI fez com que uma diversidade de formatos, tipos, cores, tamanhos e recortes de janelas fossem inseridas nas propagandas partidárias obrigatórias e nos debates municipais promovidos pelas diferentes emissoras de TV em 2016. [...] Os problemas foram tantos que a Federação Brasileira das Associações de Tradutores, Intérpretes e Guias-Intérpretes da Língua de Sinais (FEBRAPILS) criou um formulário para reunir as denúncias de janelas irregulares a fim de direcionar as inadequações aos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs).

Com isso, as especificidades técnicas da inserção da janela de Libras também foram elaboradas. Na verdade, desde 2005 a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) já havia lançado a NBR 15290 que estabelece normas técnicas para acessibilidade em comunicação na televisão e em 2016 foi lançada a segunda edição atualizada. Em parte, por desconhecimento da norma NBR 15290 e, em parte, por falta de interesse em atender esse público que nunca impactou nos números da audiência na programação das emissoras, a norma não é seguida à risca.

O *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* lançado pelo Ministério da Cultura e a Secretaria do Audiovisual em 2016 recomenda que a acessibilidade seja prevista desde a etapa de produção da obra.

No caso do audiovisual, a acessibilidade deve ser incorporada desde o desenho do projeto e estar presente em todas as fases da produção e distribuição. Portanto, não é mais admissível tratar a acessibilidade como acessório, complemento ou adaptação a posteriori. (NAVES *et al.*, 2016, p.13).

No entanto, ocorre casos em que as produtoras fazem a acessibilidade dos filmes na etapa de pós-produção, ou seja, os filmes não são planejados para serem acessíveis cabendo ao profissional, no caso o TILS, resolver com estratégias linguísticas e semióticas da tradução.

Ainda sobre o cinema, a ANCINE lançou em 2016 a Instrução Normativa nº 128 (IN) determina para as salas de exibição, exibidores e distribuidores:

Art. 3º. As salas de exibição comercial deverão dispor de tecnologia assistiva voltada à fruição dos recursos de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Art. 4º. Cabe ao exibidor dispor de tecnologia assistiva para garantir a oferta e fruição da obra audiovisual com os recursos de acessibilidade de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, em todas as sessões comerciais, sempre que solicitado pelo espectador. (grifo nosso)

Art. 5º. Cabe ao distribuidor disponibilizar ao exibidor, com recursos de acessibilidade de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais da obra audiovisual, cópia de todas as obras audiovisuais por ele distribuídas.

A IN deixa brecha para que a responsabilidade da acessibilidade seja do espectador que deve solicitar o serviço, ou seja, se ele desconhecer as normativas consequentemente desconhece o seu direito de assistir ao filme com janela de libras.

A mesma IN determina no Art. 13 parágrafo único que

O depósito legal deverá ser composto de um ou mais materiais que contenham a obra e os serviços de acessibilidade obrigatórios (legendagem, legendagem descritiva, LIBRAS e audiodescrição) de forma que seja possível a visualização da obra com e sem cada um dos serviços de acessibilidade com o devido sincronismo. (ANCINE, 2016)

Desta forma, as obras que estavam em produção e/ou finalização na época certamente não tiveram a oportunidade de organizar a acessibilidade nas fases iniciais de seus projetos e a acessibilidade se deu na fase de pós-produção para fazer cumprir o depósito legal com versões acessíveis. Muitas outras empresas podem estar passando pelo mesmo período de adaptação e elaboram a acessibilidade nas fases finais da obra.

Percebe-se que, apesar da legislação que o Brasil tem, a acessibilidade midiática ainda não é, de fato, uma realidade devido à falta de fiscalização, falta de vontade política dos empresários e profissionais do audiovisual. Muitos inserem a janela apenas para cumprir a lei, muitas vezes com um intérprete desqualificado para esta prática, não se preocupando com o exercício da cidadania das pessoas surdas.

Todas essas determinações legais, que abriram caminho para a Libras no cenário audiovisual, apontam que o tradutor e o intérprete são os agentes que devem promover o acesso dos surdos à produção cultural audiovisual. Portanto, todas essas medidas legais impulsionaram o campo de trabalho do TILSP nessa esfera e, conforme discutiu Nascimento (2016b, p. 48),

a televisão é uma das mídias passíveis de cumprimento das determinações relacionadas à acessibilidade, mas o cinema, o teatro e as produções audiovisuais em que circulam a cultura, a arte, a educação e o entretenimento precisam, também, estar em pauta nas discussões dessa comunidade.

Apesar dos documentos citados acima terem aberto campo de trabalho para o TILSP na esfera audiovisual, são poucas as discussões publicadas sobre as estratégias audiovisuais da Libras em gêneros que nelas circulam. Entretanto, alguns estudos já vêm buscando mapear e descrever a tradução audiovisual da língua de sinais em diferentes aspectos. Dentre essas pesquisas, destacam-se o estudo de Anjos (2017), que discutiu os efeitos da estética cinematográfica para a tradução audiovisual da Libras; a pesquisa de Faria e Silva (2016, p. 73), que caminhou na direção de investigar quais são as preferências dos surdos frente aos recursos de acessibilidade disponíveis; as pesquisas de Albres (2015a; 2015b), que tem se dedicado à análise dos processos de tradução e de interpretação da Libras em literaturas infanto-juvenis; o estudo de Brito (2012) que buscou investigar a integralidade dos sistemas de acessibilidade para surdos em produções audiovisuais, especialmente o uso de legenda em português e a janela de Libras; as pesquisas desenvolvidas por Nascimento (2011; 2014; 2016b; 2017) que vem buscando descrever as especificidades da tradução audiovisual envolvendo a Libras em diferentes gêneros do discurso a partir das especificidades verbo-visuais que as constituem; Nichols (2016) que discutiu a recepção de literatura infanto-juvenil por crianças surdas através de materiais audiovisuais; Silva (2015) que considerou os aspectos emocionais dos TILSP que atuam em emissoras de TV e Santos (2016) observou as práticas de interpretação em um telejornal universitário na UFSC; e Nascimento e Nogueira (2019) que discutem o lugar da língua de sinais na TAV e na TAVa e propõem uma reformulação terminológica para o campo, a saber, de *janela de libras* para *tradução audiovisual da língua de sinais* (TALS), pois consideram o primeiro o *locus* de circulação da tradução e não sinônimo dela.

Apesar de alguns estudos iniciarem o processo de descrição dos procedimentos tradutórios envolvendo o par linguístico Libras-Língua Portuguesa (LP) realizados em gêneros audiovisuais, não há, até o momento, estudos que apresentam descrições sobre a atuação do tradutor de Libras em vídeos institucionais de divulgação científica. Por isso, esta pesquisa possui o objetivo geral de analisar e descrever estratégias de tradução audiovisual na direção LP – Libras a partir de um vídeo institucional de gênero divulgação científica realizada por um tradutor da UFSCar. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca responder as seguintes questões:

- (i) Quais são os elementos linguístico-discursivos presentes no gênero do mencionado vídeo que impactam de forma objetiva a tradução da Libras?
- (ii) De que forma os tradutores e intérpretes que atuam nesses contextos transpõem os enunciados desse gênero para a língua de sinais?
- (iii) Quais são as estratégias de inserção da janela de libras na pós-produção/revisão da tradução?

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este estudo possui como fundamentação teórico-metodológica a perspectiva bakhtiniana de estudos da linguagem em articulação com os estudos da linguagem audiovisual e os Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais (ETILS). Segundo a primeira concepção, a língua é entendida para além do código e de sua produção articulatória, ela faz parte do contexto histórico-ideológico do falante, isto é, considera o sujeito inserido em um momento histórico, em uma sociedade, em interação com outros sujeitos e, por isso, fornece aporte teórico para compreender a realidade da comunicação.

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva, que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219).

Nesta perspectiva, a ideologia não faz relação com o que hoje entendemos como pensamento político partidário. Aqui, trata-se de parte da realidade social constituinte que possui os objetos materiais, os valores e significados que são atribuídos às coisas e que passam a ser partilhados socialmente; em outras palavras, é o próprio signo, por ser uma parte da consciência do sujeito, que se forma na interação social. “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.93)

Toda interação discursiva ocorre através dos enunciados, que por sua vez, necessitam de dois sujeitos organizados socialmente o que possibilitará, então, a aparição da realidade fundamental da língua que está sempre entre os sujeitos, isto é, na enunciação concreta entre locutor e interlocutor. O produto da enunciação é o enunciado.

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. [...] Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Não existe enunciado sem interlocutores, a interação discursiva se dá entre os sujeitos, mesmo quando o sujeito fala consigo mesmo ele está enunciando para um outro,

e se não houver um sujeito presente este será idealizado por um representante médio. Em termos práticos podemos exemplificar com uma situação de interação entre surdos e ouvintes e entre o público e o audiovisual. Um sujeito surdo cuja língua é a Libras ao tentar interagir com um sujeito ouvinte cujo a língua é o português não estabelecerá uma comunicação, ou seja, não haverá interação discursiva por não haver uma língua comum. Quando a língua não é partilhada, não há constituição de um contexto sócio ideológico comum, nem de signos ideológicos. O sujeito ouvinte se constitui na interação com seus pares ouvintes e o surdo, além da sua constituição com seus pares surdos, também se constitui na falta de interação com estes. Assim, por serem uma minoria linguística, os surdos que não dominam o português não partilham de parte dos signos ideológicos verbais da sociedade da qual fazem parte, isto é, não têm acesso às informações em circulação por não acessarem biológica e simbolicamente os discursos dessa comunidade majoritária.

Refletindo sobre a interação dialógica do audiovisual e o seu público entendemos que seus interlocutores não estão presentes na interação, o público da mídia recebe a palavra do locutor após ela ter sido planejada para o discurso através de roteiros, pautas, *releases* mesmo em transmissões “ao vivo”, já que a mídia não têm acesso imediato ao seu interlocutor por ser mediada por aparelhos tecnológicos. O público alvo da mídia é previsto em grupos sociais determinados por classes de poder aquisitivo (classe média, alta, baixa), faixa etária, gênero, entre outros indicadores. Nesse sentido, o público surdo não é previsto como audiência do discurso audiovisual e, portanto, não é prevista a comunicação para mais de uma língua.

Entendido que a língua acontece entre os sujeitos em interação discursiva, é importante destacarmos a diferença entre discurso e enunciado. “A situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLOCHINOV, 2017, p. 206). Isto quer dizer que é por meio dos participantes em determinada situação que se forma o enunciado. Segundo Sobral (2008, p. 57) “o que é dito com uma frase só faz sentido se se considera quem diz e o contexto em que diz, o que se pode resumir, repetindo, em: quem diz o quê a quem, de que maneira, onde etc.”. Já o discurso é

uma unidade de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições sócio-históricas de produção bem como vinculada constitutivamente (isto é, em sua própria constituição) com outros discursos. (SOBRAL,

2008, p.58)

Em relação ao nosso exemplo anterior da interação entre sujeito surdo e ouvinte, há a necessidade de inserir um interlocutor especializado em mediar linguístico-culturalmente o discurso para estabelecer a interação discursiva entre quem não tem acesso a língua fonte – o surdo, e o outro – um sujeito ouvinte ou um discurso audiovisual. Este mediador é o tradutor/intérprete que juntamente com o locutor produz um novo discurso, preservando o sentido original, e dessa forma se dá a enunciação.

Estes sujeitos estabelecem relações interlocutivas que propiciam, então, a elaboração de “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Segundo Lima (2010), os gêneros são ao mesmo tempo estáveis e instáveis. Estáveis porque de certa forma repetem enunciados anteriores e instáveis porque o sujeito sempre enuncia de uma “maneira mais ou menos criativa e de acordo com as novas circunstâncias da situação comunicativa em que se encontra” (Idem, p.115), ou seja, não há criação sem repetição.

Os gêneros do discurso são orientados, primeiro, aos diversos campos da comunicação, ao seu tempo e espaço reais, e segundo, ao seu próprio interior, isto é, “para as coerções que são instituídas a partir de si na relação com o tempo e com o espaço em que é produzido” (NASCIMENTO, 2011, p. 53).

Composição, estilo e tema, nesse sentido, só podem ser vistos articulados aos posicionamentos sociais, históricos, institucionais, hierárquicos dos sujeitos da situação interacional que, por sua vez, estarão sempre atrelados à diferentes formas de agir no mundo, à diferentes esferas de atividades. Como as esferas de atividade são dinâmicas no sentido de que elas incorporam novos modos de agir resignificando a arte, a ciência e a vida (BAKHTIN, 2010b), os gêneros também se transformam herdando o antigo, mas o inovando, o transformando. (NASCIMENTO, 2016a, p. 126).

Esses gêneros, por sua vez, “abrigam-se” em esferas da atividade que organizam as diferentes formas do agir do humano no mundo (Idem). São localizadas nas e pelas interações sociais estabelecidas no tecer das atividades humanas que, por sua vez, só podem se estabelecer pela linguagem. As esferas, nesse sentido, são indissociáveis dos gêneros do discurso, conforme afirma Sobral:

[as esferas da atividade] são dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender de seu grau de formalização, ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história, de acordo com conjunturas específicas (SOBRAL, 2009, p. 121)

Portanto são as esferas sociais que organizam os gêneros do discurso que por sua vez organizam os enunciados. A apropriação do gênero e seu uso adequado à situação comunicativa estabelece entre os sujeitos em interação discursiva relações de poder.

Digamos que o gênero, de natureza igualmente social, estabiliza uma forma discursiva e literária para uma determinada relação de alteridade e que essa relação se atualiza cada vez que um gênero é escolhido. O gênero se torna assim um fator de vínculo social [...]. (AMORIM, 2004, p. 121)

Os gêneros na esfera audiovisual são diversificados conforme a necessidade comunicativa e a proposta estética da obra, pois são fenômenos culturais que segundo Machado (1993, p. 9) são “decorrência de um certo estágio de desenvolvimento das técnicas e dos meios de expressão, das pressões de natureza socioeconômica e também das demandas imaginárias, subjetivas, ou se preferem, estéticas de uma época”. Pela repetição vão se estabilizando e se atualizando, pois a repetição nunca é idêntica devido a mudança do contexto e do momento histórico. Quando a televisão chegou no Brasil, os gêneros da programação eram baseados nos gêneros radiofônicos e se desenvolveram e se constituíram em gêneros independentes.

Uma forte característica do início da televisão foi o seu aspecto radiofônico com imagens. A imensa maioria dos primeiros profissionais da televisão eram aqueles que trabalhavam no rádio. Essa importação dos profissionais do rádio influenciou, inclusive, na programação da televisão, havendo uma adaptação dos programas radiofônicos para serem exibidos visualmente (LEAL, 2009, s/p).

Da mesma forma, o advento do vídeo se desenvolveu com gêneros autônomos em relação ao rádio, TV e cinema.

[...] o vídeo é um sistema híbrido, ele opera com códigos significantes distintos, parte importados do cinema, parte importados do teatro, da literatura, do rádio e mais modernamente da computação gráfica, aos quais acrescenta alguns recursos expressivos específicos [...] (MACHADO, 1993, p. 8)

Como vimos no tópico anterior, a regulamentação motivou a acessibilidade dos conteúdos midiáticos para o público surdo, causando uma desestabilização nos gêneros até então constituídos. No momento, diversas pesquisas descritas no tópico anterior estão analisando essa ruptura e observando os caminhos que os gêneros midiáticos tomarão.

Desse modo, pensar a tradução e interpretação pela perspectiva discursiva de Bakhtin e seu Círculo é compreender que a função do tradutor/intérprete é fazer com que sujeitos que se comunicam por línguas diferentes possam interagir em um determinado contexto sócio histórico e que esta mediação é também uma produção enunciativo-discursiva. O profissional vai além da transposição linguística, perpassa os valores ideológicos dos sujeitos enunciadoreis na interação discursiva de uma língua para a outra.

Na esfera audiovisual a função do tradutor/intérprete extrapola a enunciação verbal. O vídeo é feito da mescla de diferentes linguagens como áudio, vídeo, foto e animação e o conjunto delas produz significado no seu interlocutor. Por vezes tende mais para a linguagem verbal, por vezes para a linguagem visual, mas o sentido da obra se dá na articulação de todas essas linguagens constituindo-se, portanto, de um enunciado verbo-visual, conforme proposto por Brait (2013), que acontece quando

tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente (BRAIT, 2013, p. 43)

Cabe ao tradutor/ intérprete de língua de sinais (TILS) mediar as linguagens contidas na peça audiovisual para o público surdo, lidando com a dimensão verbo-visual do enunciado, que passam por sua subjetividade antes de alcançarem os surdos.

Sobre a prática de tradução nesta esfera, é imprescindível recorrermos aos estudos da tradução para entendermos este processo a partir do contexto audiovisual. Para o linguista russo Roman Jakobson (2010 [1959]) existem 3 modalidades de tradução:

- 1 - Tradução intralingual ou reformulação (*rewording*), consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2 - Tradução interlingual ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3 - A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas não-verbais.. (JAKOBSON, 1959, p. 31).

Sobre a tradução envolvendo línguas de diferentes modalidades⁹, Quadros e Segala (2015) propõem mais uma modalidade de tradução, a tradução intermodal. Esta

⁹ A modalidade de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza. Existem sistemas diferentes de produção e percepção. Para as línguas orais a produção conta com o sistema vocal e a percepção depende

está contida nas modalidades interlingual e intersemiótica quando envolve uma tradução entre línguas orais e línguas visual-espaciais.

A atividade do TILSP na esfera audiovisual é notadamente uma tradução interlingual por mobilizar um texto de uma língua fonte para uma língua alvo, intersemiótica por mobilizar um texto roteirizado para um texto audiovisual e intermodal por mobilizar uma língua oral-auditiva em uma visual-espacial.

Os aspectos envolvidos na tradução intermodal segundo Quadros & Segala (2015) são:

- a. O fato da Libras estar na versão “oral”, como apontado por Quadros e Souza (2008), ou seja, na versão em sinais que resulta na filmagem do texto em Libras, que vai determinar uma sobreposição de elementos da tradução e da interpretação, [...]
- b. A questão da visibilidade do tradutor, uma vez que o tradutor produz o texto em Libras filmado, ou seja, o tradutor é visualizado e sua identidade é explícita (diferente de traduções envolvendo textos escritos, em que o tradutor pode tornar-se, muitas vezes, invisível). [...]
- c. A necessidade do tradutor em “atuar” na produção em sinais (no sentido abordado por QUADROS; SOUZA, 2008), uma vez que o tradutor expõe o seu corpo diante da câmera e produz um texto em sinais que exigirá uma espécie de “performance” em sinais. Essa performance em sinais é organizada discursivamente usando recursos linguísticos (o texto em si na Libras) e paralinguísticos típicos de textos na modalidade visual-espacial (por exemplo, uso de descrições imagéticas, antropomorfismo, incorporação e uso do espaço de sinalização). [...] (QUADROS & SEGALA, 2015, p. 360-2)

As características da tradução intermodal mostram que o discurso em Libras é registrado em vídeo na sua versão oral, isto exige do profissional uma prática simultânea da tradução e da interpretação e portanto exige a exposição da sua imagem em atuação de uma certa *performance*, o que pode impactar em uma “concorrência” com o autor do texto fonte.

Trazendo essa reflexão para o texto audiovisual, a janela de Libras é um elemento extra dentro deste texto, o que acarreta uma concorrência visual para o surdo entre a informação verbal na janela de Libras e a informação semiótica do restante do quadro (NASCIMENTO, 2017; NASCIMENTO & NOGUEIRA, 2019).

Ciente disso, o TILSP deve refletir sobre as escolhas tradutórias e estratégias visuais que se integrem ao enunciado semiótico. Quando o vídeo é planejado prevendo a janela de Libras, TILSP e equipe audiovisual encontram juntos soluções linguístico-

do sistema auditivo. Línguas orais podem ser categorizadas, portanto, como sendo expressas na modalidade vocal-auditiva. Línguas de sinais, por outro lado, dependem do sistema gestual para a produção e do sistema visual para a percepção. Portanto, línguas de sinais são expressas na modalidade gesto-visual. (MCBURNEY, 2004, p. 351 apud RODRIGUES, 2013, p. 44)

semióticas para a fruição das obras para os públicos ouvinte e surdo, mas quando isso não ocorre, todo o trabalho de adaptação fica a cargo do TILS. Por isso é fundamental observarmos a influência da linguagem audiovisual na atividade do TILS a fim de obtermos produtos audiovisuais acessíveis e representativos para essa comunidade.

No caso deste estudo, o produto é um vídeo institucional de gênero divulgação científica. O vídeo institucional é uma forma de comunicação de empresas e instituições para divulgar seus objetivos, valores e metas para seus clientes ou colaboradores e parceiros.

No caso das Instituições de Ensino Superior, o objetivo é promover a imagem corporativa e sustentá-la. O tipo de vídeo institucional que promove a imagem corporativa é mais sutil. A mensagem não é necessariamente comprar ou fazer algo imediatamente, mas sim mostrar que certa instituição ou profissão está a trabalhar em prol dos melhores interesses do público-alvo. (SILVA, MARTINS, OLIVEIRA, 2010, p. 37)

No contexto da educação pública de nível superior cuja missão social é o ensino, a pesquisa e a extensão, o audiovisual produzido na universidade iniciou a partir do entendimento dos professores do “compromisso social ao produzirem vídeos de divulgação sobre suas pesquisas, ora como forma de prestar contas à sociedade, ora preocupados com a democratização do conhecimento” (BORTOLIERO, 2002, p.4). Dessa forma, essa prática se institucionalizou e atualmente está bem consolidada entre as universidades públicas como forma de atividade de extensão que objetiva mais do que mostrar a produção científica da instituição.

Ao longo da história não apenas da divulgação científica [...] são muitos e diversificados os objetivos atribuídos à disseminação, junto a públicos não especializados, do conhecimento científico e tecnológico, que vão desde a busca pela legitimidade da própria Ciência e o despertar de vocações, até a promoção da participação das diferentes parcelas da população em processos de tomada de decisão envolvendo o conhecimento científico e tecnológico, cada vez mais frequentes nesta nossa “sociedade do conhecimento”. (PEZZO, OLIVEIRA, FABRÍCIO, 2018, p. 316)

As características da divulgação científica enquanto gênero não pode ser definidas com rigor uma vez que dialoga com diversos gêneros como o jornalístico, o científico e o educacional.

A divulgação científica é uma prática discursiva em expansão na sociedade brasileira. A dificuldade em defini-la, seja como gênero

discursivo, seja como discurso segundo – derivado do científico -, deve-se, em grande parte, à diversidade de esferas/campos nos quais ocorre. Ela assumirá características próprias, em razão das coerções sócio discursivas de três campos: o científico, o educacional e o jornalístico. Cada um deles é formado por gêneros próprios, que representam um segundo nível de coerções ou de normas. (GRILLO, 2008, p. 152)

O contato entre os gêneros faz com que a divulgação científica esteja sempre se atualizando, mas o que permanece de estável são os seus objetivos, conforme descreve Albagli (1996, p. 396), tais como:

- Educacional, a transmissão do conhecimento científico para o público leigo;
- Cívico, transmissão de informações científicas com foco na ampliação da consciência do cidadão sobre questões sociais, econômicas e ambientais;
- Mobilização popular, ampliação da participação social na formulação de políticas públicas, escolha de opções tecnológicas.

Na divulgação científica os elementos instáveis do gênero devem-se ao suporte onde serão disponibilizados os discursos. Com o advento da internet e por conseguinte das redes sociais, muitas instituições criaram canais, páginas, perfis nas diversas plataformas virtuais para divulgar suas ações. Uma das mais importantes plataformas é o *Youtube*, terceiro site mais acessado no mundo perdendo apenas para o *Google* e o *Facebook*.

O *Youtube* é uma plataforma de vídeos digitais criada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawen Karin e adquirida pela Google em 2006 com o objetivo de compartilhar vídeos entre seus usuários.

Com a adesão em massa dos usuários às redes sociais, as universidades viram a oportunidade da utilização delas como ferramenta de disseminação de conteúdo institucional e científico.

De acordo com a Webometrics.info (Ranking Web of World Universities) a presença das Universidades na Web tem vindo a melhorar a sua qualidade ao longo do tempo (Aguillo, Fernández, Utrilla, Alarcón, & Ortega, 2009). Esta presença mede a actividade e visibilidade das instituições e é um bom indicador do seu impacto e prestígio. Estes rankings resumizam a performance global da Universidade, fornecem informação para os estudantes candidatos e académicos em geral, e reflectem o compromisso da disseminação do conhecimento científico (Aguillo et al., 2009) (SILVA, MARTINS, OLIVEIRA, 2010, p. 34).

A produção de vídeos institucionais dedicados ao fomento dos canais das universidades no *Youtube* vem desenvolvendo o estilo de cada uma e angariando equipes multidisciplinares para a elaboração dos vídeos e manutenção do canal. Em geral existem diferentes recursos audiovisuais empregados neste tipo de vídeo:

Na produção do vídeo institucional, é necessário ter em conta alguns pontos: identificação dos espectadores com os intervenientes do vídeo; escolha de pessoas reais (e não actores) de forma a que a história seja contada por vozes autênticas, tentando não escrever no guião aquilo que os intervenientes dizem; conhecimento da audiência; utilização de animações e efeitos na pós-produção para auxiliar à transmissão da massa de informação; utilização da vertente humorística; humanização da voz narrativa, dando mais emoção à voz neutra que normalmente surge nos documentários; utilização da presença física do narrador, para falar directamente com a audiência; e, por fim, escolha de uma abordagem imaginativa e eficaz para a transmissão da mensagem, [...] (SILVA, MARTINS, OLIVEIRA, 2010, p. 37)

Esta pesquisa trabalha com o gênero institucional divulgação científica e, por isso, considera, também, esses elementos na descrição e análise do *corpus* que será constituído dos *discursos produzidos em uma situação de autoconfrontação de um tradutor/intérprete de língua de sinais que atou na tradução da série “Que curso eu faço?” produzida pelo Laboratório Aberto de Interatividade para a Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico (LAbI) da UFSCar*. Esses elementos serão considerados, pois, conforme proposta metodológica bakhtiniana para o estudo dos signos, é necessário respeitar sua condição semiótico-ideológica não sendo possível, portanto, amputar partes do material a ser analisado. Para Volochínov (2017, p. 110),

1. *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo* (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
2. *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social* (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
3. *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material,*

Nessas recomendações, todo e qualquer signo deve ser observado, caso seja alvo de investigação, a partir da sua concretude (contexto, horizonte social, hierarquia etc.), bem como para a participação ativa do locutor e do interlocutor no ininterrupto processo de construção de sentidos e de valores. Por essa razão, parte-se do pressuposto de que os profissionais em atuação nos vídeos em questão não transladaram apenas o

material verbal do português para a Libras, mas sim, toda a materialidade semiótico-ideológica de dimensão verbal, visual, verbo-visual do vídeo. Nesse sentido, a metodologia do trabalho será descrita no tópico seguinte.

4. METODOLOGIA

4.1. Descrição do contexto de pesquisa e da coleta do *corpus*

Neste estudo foi utilizado para a coleta e análise um vídeo realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para o canal *Click Ciência* que é uma ação do Laboratório Aberto de Interatividade para a Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico (LAbI), vinculado ao Departamento de Física da mesma universidade. O LAbI “atua desde 2006 no desenvolvimento de produtos e processos de divulgação científica, bem como na produção de conhecimento sobre as estratégias e metodologias adotadas” (PEZZO, OLIVEIRA, FABRÍCIO, 2018, p.315).

Nos últimos anos, no entanto, o LAbI tem priorizado a produção de *videocasts*, inclusive pela repercussão que essa produção tem obtido junto a diferentes públicos, especialmente nas redes sociais. Regularmente, são produzidos os *videocasts* “ClickCiência”, “Ciência Explica” e “Fique sabendo”, além do programa Paideia e do excerto “Paideia Entrevista”. Em “ClickCiência” – assim como no podcast homônimo já mencionado –, os próprios pesquisadores falam dos estudos que realizam; e os quase 200 episódios já produzidos estão disponíveis no YouTube (<https://www.youtube.com/clickciencia>). (PEZZO, OLIVEIRA, FABRÍCIO, 2018, p.318)

Uma das séries do *videocast* “Click Ciência” é o “Que curso eu faço?” que apresenta cada um dos 62 cursos de graduação dos 4 *campi* da Universidade, a fim de divulgá-los entre os candidatos aplicantes no SiSU para que os ajudem na escolha do curso. O LAbI em parceria com a Seção de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (SeTILS) que reúne tradutores e intérpretes de Libras lotados no Departamento de Psicologia e na Secretaria Geral de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (SAADE), da UFSCar no campus São Carlos, disponibilizou o mencionado *videocast* acessível em Libras com o recurso da janela de Libras.

Então, a partir do entendimento compartilhado por Sobral (2008, p. 70) de que “traduzir é mobilizar um texto por meio de outro discurso”, que, por sua vez, são caracterizados por gêneros, descreveremos como aplicar esses conceitos na análise da prática de tradução e interpretação de língua de sinais a partir de um vídeo institucional de divulgação científica.

Utilizaremos a proposta de Sobral (2010), que parte do pensamento bakhtiniano, para análise da materialidade discursiva. Segundo o autor as formulações bakhtinianas “constituem um dispositivo analítico voltado para explicar os mecanismos de construção dos sentidos dos discursos” (p. 14). Entretanto, Sobral (2010) sistematiza uma proposta de estudo dessa materialidade em três etapas: (i) pré-análise; (ii) descrição; e (iii) a análise e interpretação.

Na primeira etapa, acontece a escolha do material a ser pesquisado e, com isso, a constituição do *corpus*. Em seguida, a descrição,

‘apresenta’ o corpus a partir de sua inserção geral na esfera de atividades; a análise examina a estruturação do discurso e a interpretação reúne as duas anteriores, ao interpretar suas estratégias de instauração de sentidos e os sentidos produzidos nos termos da esfera de atividades e da análise do texto. (SOBRAL, 2010, p. 14)

Nessa pesquisa, a primeira etapa constitui na seleção dos vídeos institucionais promovidos pelo LABi/UFSCar cujo objetivo é a

promoção da cultura científica e das relações entre ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA); na exploração criativa e crítica das narrativas para “contar histórias” sobre ciência para diferentes audiências; e na construção de pontes entre real e virtual, espaços físicos e online, analógico e digital, para a circulação dessas narrativas (PEZZO, FABRÍCIO, OLIVEIRA, p.70, 2018).

O LABi/UFSCar está em funcionamento há 13 anos e é composto por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, estudantes e profissionais de mídia. O referencial teórico que norteia as ações do laboratório é apontado como

a interdisciplinaridade; o conceito de cultura científica; a abordagem das relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA); o entendimento da divulgação científica como interpretação e produção de um discurso próprio, e não como “tradução” do discurso da Ciência; o conceito de “espaços educadores”, que amplia a noção de espaço físico para considerar também as dimensões culturais, sociais e históricas desses espaços; o uso criativo e crítico das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs); e a afirmação da relevância da educação para as mídias. (PEZZO, FABRÍCIO, OLIVEIRA, p.316, 2017)

Atualmente, o LABi é um relevante meio de divulgação científica da UFSCar, como aponta os responsáveis:

Considerando a página do LABI no Facebook, o Twitter ClickCiência e os canais no YouTube do LABI e ClickCiência, são quase 40 mil seguidores atualmente, ou seja, pessoas que optaram por acompanhar a produção do Laboratório e que são notificadas a cada nova publicação. Outro dado importante é que, considerando um intervalo recente de 12 meses, os 256 vídeos produzidos naquele período tiveram mais de um milhão de visualizações a partir desses diferentes canais. (PEZZO, FABRÍCIO, OLIVEIRA, p. 75, 2018).

Na primeira etapa foi feito o levantamento dos produtos do LABI em que está a série “Que curso eu faço?” disponível no canal do *Youtube*. Os vídeos desta série têm a duração média de 3 a 6 minutos aproximadamente e contam com uma vinheta de abertura identificando o título da série, o curso e o *campus* em que é ofertado (A UFSCar possui quatro *campi*). Os cursos do *campus* São Carlos têm a vinheta na cor azul, os do *campus* Araras na cor roxa, *campus* Lagoa do Sino verde e Sorocaba, vinho. Após a vinheta alguns docentes, estudantes e egressos descrevem o curso, o perfil do profissional egresso, suas ênfases, duração, quantidade de vagas. Os entrevistados falam direto para a câmera e foram gravados nas dependências de seus cursos, como departamento, laboratórios, salas de aulas. A tradução para a Libras está na janela, que é um retângulo no canto inferior direito da tela, cinza com transparência, onde a imagem do tradutor é exibida e por vezes, interage com as inserções de *letterings*. Os vídeos terminam com as logos do LABI, Prograd (Pró-reitoria de graduação), UFSCar, Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD) e os créditos da equipe envolvida.

Ainda na etapa de pré-análise foi realizada uma coleta piloto, que foi útil para desenhar esta metodologia, com um dos intérpretes da SeTILS. Este profissional é graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua como Tradutor Intérprete de Língua de Sinais desde 2011, trabalhou como intérprete do município de São Carlos no período de agosto de 2012 até dezembro de 2014, atuando principalmente na esfera educacional. Atualmente, ele é servidor efetivo e atua como tradutor e intérprete na UFSCar desde janeiro de 2015 no curso de bacharelado Tradução e Interpretação em Língua de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa. Possui certificado pelo ProLibras em Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa em 2011 e em ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo ProLibras 2013¹⁰. A escolha por este profissional, naquele momento, foi por conta da sua atuação dentro da equipe de

¹⁰ Currículo disponível no site http://www.tilsp.ufscar.br/setilsp_interpretes.html

SeTILS como coordenador dos demais intérpretes, administrando as demandas de interpretação da Universidade e, além disso, atuando também na tradução e na interpretação. Por esse motivo, pressupomos que ele teria uma visão global da atuação da SeTILS nessa instituição.

Nesta etapa foi utilizado o dispositivo metodológico da *autoconfrontação simples* que foi, originalmente, elaborado no contexto da Clínica da Atividade francesa e que vem produzindo pesquisas que objetivam analisar o trabalho sob a perspectiva dialógica e “intervir na situação favorecendo transformações na atividade e restabelecendo o poder de agir dos coletivos de trabalho” (FAITA e VIEIRA, 2003, p. 28).

Segundo Vieira (2004, p.10), as autoconfrontações são

dispositivos de análise que permitem refletir as experiências práticas como um espaço privilegiado de produção de um saber “operacional”. São dispositivos clínicos de confronto do trabalhador em dois níveis da produção de sentido. O primeiro, da própria atividade realizada (a situação observada e registrada em descrição escrita, em áudio ou em vídeo), o segundo, da representação que o protagonista faz da atividade (o que ele pensa da atividade, falado em entrevista, grupo ou sessão de discussão). O princípio básico consiste em confrontar diferentes níveis de produção discursiva na e sobre a atividade, fazendo que o protagonista do trabalho reflita a própria prática nos limites do que e do como se preconiza que uma tarefa seja feita (prescrito) e do que e do como se pode fazê-la na situação concreta (real). (VIEIRA, 2004, p. 10 -11).

Nesse sentido, a escolha desse dispositivo se justifica porque, no caso da tradução audiovisual do gênero vídeo de divulgação científica, o saber foi construído pela prática e, nesse caso, não está registrado para além da memória do TILSP e do produto por ele traduzido. É ele, protagonista da atividade, que sabe descrever com detalhes os caminhos traçados para chegar ao produto da tradução.

Além disso, como o campo da tradução e da interpretação da língua de sinais nas esferas audiovisuais no Brasil é recente demandando, com isso, conhecimentos específicos no qual os profissionais constroem durante a atividade, esperou-se que a autoconfrontação possibilite o mapeamento de estratégias tradutórias que podem ser adotadas, adaptadas ou problematizadas por outros tradutores, intérpretes e pesquisadores do campo.

As etapas do dispositivo de autoconfrontação são:

- 1) constituição do grupo de análise (Faíta, 1997) que desenvolve o trabalho sobre o objeto da pesquisa e sobre as opções metodológicas; 2)

a realização das autoconfrontações simples e cruzadas mobilizando a conjugação das experiências; 3) a extensão do trabalho de análise ao coletivo profissional. (FAITA e VIEIRA, 2003, p. 29).

A primeira etapa é a de observação da atividade pela analista - pesquisadora a fim de se familiarizar com a atividade. O vídeo alvo da pesquisa já está com sua tradução concluída e encontra-se em circulação via internet e, por isso, nesta etapa a analista-pesquisadora assistiu ao filme algumas vezes para a familiarização com o estilo enunciativo em Libras do TILSP que será o sujeito pesquisado.

Na segunda etapa, a da autoconfrontação propriamente dita, realizamos a autoconfrontação simples. Os estudiosos desse dispositivo (FAITA, 2005; VIEIRA, 2004; FAITA & VIEIRA 2003; CLOT, 2007) sugerem dois tipos de autoconfrontação: a simples, utilizada nessa pesquisa, e a cruzada, no qual um terceiro participante comenta sobre a atividade capturada em vídeo para o sujeito protagonista dessa atividade. No caso dessa pesquisa, foi utilizada, por se tratar de um estudo com pouco tempo de realização, apenas a autoconfrontação simples que

é o momento da produção de um discurso que se refere às sequências filmadas, ao que elas mostram, sugerem ou evocam. [...] Ao filme da atividade inicial, com suas lacunas e suas elipses, a autoconfrontação simples acrescenta um contexto carregado de comentários. (FAITA e VIEIRA, 2003, p. 34)

Por fim, a última etapa é o retorno da pesquisa para o sujeito pesquisado. Neste momento damos o *feedback* para o sujeito da pesquisa sobre a análise do material coletado em vídeo, ou seja, compartilhamos os resultados desta pesquisa primeiramente para o próprio sujeito pesquisado.

A preparação para a autoconfrontação simples, organizada na etapa da pré-análise, foi idealizada após a pesquisadora assistir todos os vídeos da série “Que Curso eu Faço?” em que o tradutor-intérprete participa, foi selecionado o vídeo do curso de Engenharia Mecânica. Este vídeo foi selecionado por ter a duração de 5 minutos e 3 segundos, um dos mais longos entre os cursos do campus São Carlos em que este profissional atuou.



Figura 3:
Imagem da vinheta de abertura do vídeo selecionado e imagem da janela de libras, respectivamente

Para a segunda etapa, a descrição do *corpus*, conforme proposta de Sobral (2010), usamos a imagem do tradutor participante nesta etapa, pois o *corpus* desta pesquisa se constitui de duas modalidades linguísticas, a língua oral e a língua de sinais manifestada no corpo do sinalizante, e por isso a filmagem em vídeo é a principal ferramenta de registro. Dessa forma, é imprescindível utilizarmos a imagem do participante na transcrição dos enunciados. Ambos os participantes concordaram com essa condição e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO 2).

Conforme a perspectiva teórica de Bakhtin e seu Círculo com a qual trabalhamos, em que a realidade da língua acontece na e pela interação discursiva entre dois sujeitos enunciadorees em um contexto histórico e social de produção, é que a pertinência da exibição da identidade do participante como autor de um discurso se faz necessária na transcrição e análise dos enunciados.

Conforme dito anteriormente, esta metodologia foi aplicada como coleta piloto no ano de 2018 por esta pesquisadora a fim de se familiarizar com a prática. Naquele momento o primeiro profissional participante não foi informado com antecedência sobre com qual vídeo ele seria autoconfrontado a fim de que ele não pudesse preparar um discurso que idealizasse sua atuação. A partir do início da gravação ele assistiu e propôs a estratégia de fazer os comentários a cada corte da edição do vídeo, dessa forma, ele conseguiria comentar sobre os blocos de sentido das falas dos entrevistados do vídeo. Esta proposta foi aceita.

A gravação ocorreu no LATRAVILIS e foram utilizadas 2 câmeras de vídeo, tripé e 1 notebook. Ocorreu um problema técnico em que uma das câmeras parou de gravar após 20 minutos, mas isso não prejudicou a coleta, pois a outra câmera gravou ininterruptamente e sua imagem e áudio ficaram muito claros. A seguir a ilustração da disposição dos equipamentos na sala.

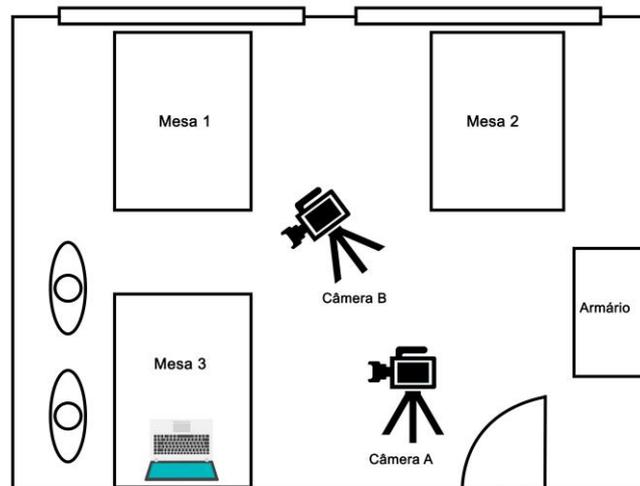


Figura 4: Planta baixa da sala onde ocorreu a coleta piloto
 Fonte: elaborado pela autora

O notebook utilizado para a exibição do vídeo era controlado pelo participante para que ele tivesse a autonomia de pausar, retornar e seguir com a exibição conforme sentia necessidade em seu discurso. A seguir a imagem de cada uma das câmeras utilizadas em que fica evidente este controle do participante.



Figura 5:
 À esquerda, imagem da Câmera A e à direita, imagem da Câmera B
 Fonte: elaborado pela autora

Após a coleta piloto, realizamos novamente o procedimento com outra profissional TILSP que também trabalhou na mesma série e por isso é possível descrever as etapas a seguir. A profissional participante da pesquisa nesse segundo momento é atuante na comunidade surda há 15 anos e atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós Graduação em Linguística da UFSCar, possui pós-graduação em Docência e Tradução e Interpretação em Libras/Português pela Uníntese e é graduada em Letras- Inglês pela Universidade de Franca. É servidora da UFSCar e professora de Libras no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Possui formação em tradução e interpretação de Libras/Português pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em

nível de extensão universitária e na Uníntese em nível de capacitação¹¹. Atualmente está no segundo mandato como Presidente da Associação dos Surdos de São Carlos (ASSC) no biênio 2019/2020. Além disso ela foi a primeira servidora técnico-administrativa como tradutora e intérprete a tomar posse na UFSCar e viveu toda a história da Libras nesta Universidade.

Com a primeira experiência de coleta pelo dispositivo da autoconfrontação simples, algumas alterações foram possíveis e que facilitaram a experiência. A primeira delas se relaciona com o espaço. A nova autoconfrontação foi realizada na sede da ASSC por facilitar o deslocamento até a tradutora/intérprete uma vez que sua agenda de trabalho é extremamente ocupada. Naquele dia ela acabara de realizar a supervisão de estágio dos alunos do curso TILSP que atuam junto a ASSC e poderia ficar por mais uma hora para realizarmos a coleta.

A segunda alteração foi sobre o equipamento. Uma vez que a primeira coleta havia sido bem-sucedida com uma câmera após um problema técnico com a segunda, esta opção foi mantida propositalmente. A seguir as imagens da disposição do equipamento e a respectiva imagem da gravação.

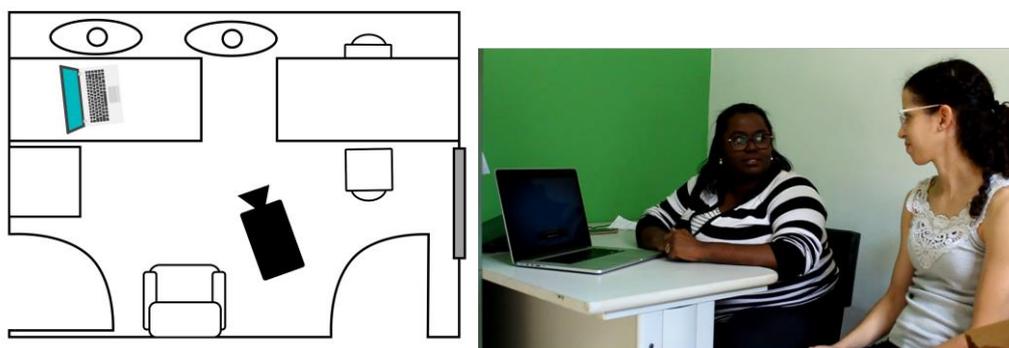


Figura 6: À esquerda planta baixa da sala e à direita, imagem captada pela câmera.
Fonte: elaborado pela autora.

Diferentemente da coleta piloto, foi dada a opção para a tradutora/intérprete em escolher algum vídeo sobre o qual ela desejasse falar sobre. No entanto, segundo, não se lembrava de nenhum deles, pois estas traduções foram feitas há, no mínimo, 3 anos antes do dia agendado para a autoconfrontação. Por isso novamente a pesquisadora fez a escolha do episódio do “Que curso eu faço” pelo mesmo critério que a anterior, ou seja, o vídeo de maior duração do *campus* São Carlos, o do curso de Medicina.

¹¹ Currículo disponível no site http://www.tilsp.ufscar.br/setilsp_interpretes.html



Figura 7:

À esquerda imagem da vinheta de abertura do vídeo da coleta 2, à direita imagem da janela de Libras

4.2. Metodologia de transcrição e análise

Como análise dos resultados, as imagens captadas pelas câmeras na etapa da autoconfrontação simples foram assistidas e houve a transcrição dos enunciados verbais e não verbais. Foi esperado que o tradutor participante da pesquisa produzisse dois tipos de enunciações: (i) *intramodal*, quando comenta em língua portuguesa as suas escolhas tradutórias ou outros elementos que considera pertinentes; e (ii) *intermodal*, quando o tradutor utiliza a língua de sinais e a língua portuguesa ao mesmo tempo ou quando apresenta exemplos em Libras (texto verbal gesto-visual) e comenta em português (texto verbal oral-auditivo). Como as línguas em questão são produzidas por canais articulatorios diferentes é possível que o ato enunciativo do tradutor, nesse caso, apresente simultaneidade na produção linguística gerando o que os pesquisadores têm denominado de *code blending*, ou seja, sobreposição de línguas (QUADROS, LILLO-MARTIN, PICHLER, 2011).

Como mostrado por Nascimento (2016a, p. 220), há grande dificuldade ao se transcrever enunciados em línguas de sinais, pois o registro acaba passando pela escrita da língua oral, ou seja, ocorrendo uma outra codificação, assim como a dificuldade de registrar as expressões não manuais. No caso de enunciados bilíngues intermodais, essa dificuldade se intensifica porque se faz necessário mostrar o texto em língua de sinais, que é gesto-visual, e, também, o texto em português que é oral-auditivo. Como alternativa, o autor utilizou, em sua tese de doutoramento, dois métodos de transcrição:

[...] o primeiro será um método combinado no qual são exploradas, quando se trata das enunciações intermodais, as imagens como registros materiais dos enunciados trazidos em Libras e sua marcação em glosa

junto com as falas produzidas em LP.[...] O segundo método corresponde às enunciações monomodais dos discursos produzidos em LP durante a autoconfrontação. [...] Para a transcrição dos discursos produzidos em LP, adotou-se o sistema de transcrição utilizado no Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC) organizado pelo professor e pesquisador Dino Preti (2003) e o uso proposto por Lima (2008). (NASCIMENTO, 2016a, p. 223-224)

Utilizamos nesta pesquisa a proposta de transcrição intermodal elaborada por Nascimento (2016a). Aqui utilizamos os nomes dos tradutores para identificar a qual coleta se referem, portanto, o Anderson é o tradutor da coleta piloto e a Joyce é a tradutora da segunda coleta. Em seguida ao nome dos TILSP, inserimos também o nome do arquivo de vídeo de onde foi extraído o excerto das transcrições. A transcrição intermodal foi organizada em uma tabela com 4 colunas: a primeira indica o tempo do discurso da coleta em Língua Portuguesa (LP), a segunda coluna é a transcrição do discurso da coleta em LP cujas regras de transcrição são as do projeto NURC, a terceira coluna contempla a imagem coletada do discurso intermodal e a quarta coluna, a imagem da tradução do vídeo “Que curso eu faço?” a qual se refere o tradutor.

Como exemplo de transcrição intermodal, elaboramos a transcrição de um trecho da autoconfrontação da coleta piloto que mostramos abaixo. Neste trecho, o tradutor relata o uso da estratégia de datilologia para a tradução para a Libras dos conceitos de movimento e força. Ele relata o uso da estratégia do sinal da Libras para força seguido da datilologia em português deve-se ao seu conhecimento prévio de conceitos de física, porém para o conceito de movimento ele se guiou pelo senso comum porque ele não conhece o conceito de movimento na física e por isso não utilizou a datilologia, apenas o sinal mais convencional da Libras.

Anderson – 00031.MTS

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso fonte |
|--------------------------------|--|------------------------|---|
| 2'02 | Então, esse movimento já é...porque eu () tipo assim, porque eu:: /tipo ah não entendo muito o que que o... exatamente no no... na área de exatas mesmo o que é movimento porque eu acho que você entra em um outro... porque pra gente movimento é | |  <p>15''</p> |

| | | | |
|--------------------|---|--|--|
| 2'21 | <p>movimentou, movimentou [MOVIMENTO</p> <p>, mas eu sei que tipo não é só isso entendeu?</p> |  <p>MOVIMENTO 2'21"</p> | |
| 2'24" 2'37" | <p>Tem um conceito do que é estar em movimento, mas eu não sei exatamente o que que é. Aí tipo você escolhe fazer assim Ah então vou fazer meio/ movimento porque também se for ficar mo-vi-men-to [M-O-V-I-M-E-N-T-O</p> <p>ai fica meio... porque que você soletrou movimento? Entendeu?</p> |  <p>MO-VI-MEN-TO 2'37"</p> | |
| 2'41" | <p>Mas eu acho que o conceito de movimento pra engenharia é um... pelo que eu entendo, pelo que eu lembro de física, tipo, não é uma coisa tão simples como o que se movimenta, tem algo a mais.[...]</p> | | |

Quadro 1: Transcrição de um trecho da coleta piloto

Fonte: elaborado pela autora

Já a transcrição de trecho intramodal, isto é, de falas em português, utilizaremos a convenção de transcrição tomando por base a proposta de Nascimento (2016a) que, por sua vez, se baseou nas normas de transcrição do Projeto NURC coordenador pelo Professor Dino Pretti:

| OCORRÊNCIAS | SINAIS | EXEMPLIFICAÇÃO |
|---|------------|--|
| Incompreensão de palavras ou segmentos | () | Nossa, ta perfeito até () agora |
| Hipótese do que se ouviu | (Hipótese) | (Emocionado) |
| Truncamento (havendo | / | Primeiro, esse/quer dizer, |
| homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre) | | vídeo... |
| Entonação enfática | MAIÚSCULA | Eu gostaria de na minha primeira frase falar |

| | | |
|---|--------------------------------------|--|
| | | escola PARA todos. |
| Prolongamento de vogal e consoante (como s, r) | :: podendo aumentar para ::: ou mais | É::: obviamente que ele faz esse vídeo pensando que o público dele não são os ouvintes |
| Silabação/Soletração | - | E-S-C-O-L-A para todos |
| Interrogação | ? | Não entendeu? |
| Qualquer pausa | ... | Este sinal... Deixa eu lembrar |
| Comentários descritivos do transcritor | ((minúscula)) | ((usa a ENM de interrogação)). |
| Superposição, simultaneidade de vozes e produção intermodal | [ligando as linhas | Não acho que deu certo [Está ótimo Este sinal é muito difícil... [PRÓPRIO |
| Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação | “” | Lembra quando a gente viu aquela discussão que ela falava “expansão e redução” |
| Referências dêiticas em LP | Grifados em vermelhos | Este sinal é muito difícil... [PRÓPRIO |
| Uso de sinais da Libras | GLOSA-EM-LETRA-MAIÚSCULA | O sinal PRÓPRIO |
| Marcação das ENM | Descrição em letra minúscula | . |

Quadro 2: Sistema de transcrições das autoconfrontações
Fonte: Adaptado de Pretti (2003) e Lima (2008) apud Nascimento, (2016a), p. 224

No trecho exemplificado abaixo, a tradutora/intérprete comenta sobre estratégias para lidar com a velocidade da fala das pessoas no vídeo sem fazer referência a nenhum sinal ou termo na Libras. Nesse segundo tipo, a transcrição será seguida da informação EXCERTO, mais numeração em ordem cronológica somado ao nome do tradutor e ao número do arquivo do vídeo, conforme exemplo abaixo:

EXCERTO 1 - Joyce – MVI_3411.MOV
1’53”

Então assim... tinha algumas falas extremamente rápidas e aí você tinha ((gesticula muito rápido)) que sinalizar meio que na velocidade da fala porque até a forma como o vídeo é editado é uma fala quase que se sobrepondo à outra assim ((une as mãos uma ao lado da outra)) então termina uma começa outra você não tem um intervalo, então assim, não dava assim para você ter um *lag time*... muito...como é que fala? um *lag time* muito assim... descompassado assim porque senão você não conseguiria acompanhar essa velocidade, então eles teriam que possivelmente acelerar o vídeo, o que ficaria pior porque daí comprometeria talvez até a compreensão do próprio surdo então, tinha as escolhas ali que... a gente tinha que fazer escolhas... às vezes pelo tempo às vezes pela/pelo termo ((risos)) às vezes pela velocidade da fala da pessoa, isso foi bem interessante

Dessa forma, esses serão os dois tipos de transcrição com os quais trabalharemos na análise do *corpus*.

5. ANÁLISE DO CORPUS

5.1. Mapeamento de estratégias tradutórias

O dispositivo da autoconfrontação simples funciona, nesta abordagem dialógica, como propulsor de um discurso pelos sujeitos da atividade, um discurso *sobre* a atividade

Sob efeito da “motricidade do diálogo”(Clot &Faita, 2000), os sujeitos submetidos à autoconfrontação são colocados em uma postura que os conduz a buscar o que dizer daquilo que eles fazem, mas também a buscar o que fazer com aquilo que eles dizem (FAITA, 2005, p.123).

A busca por dizer sobre o que fazem traz à lembrança o momento em que foi elaborada aquela tradução obrigando-os a refletirem sobre suas práticas, pois no momento de realização da autoconfrontação já estão distantes do contexto de produção daquele vídeo e ao, assistirem-se, percebem-se como um *outro* de si mesmos.

Diante dos vídeos registrados, foi possível observar no discurso de cada um dos tradutores temas semelhantes e temas particulares na decisão das estratégias tradutórias. Conforme os discursos da autoconfrontação simples coletados em vídeo, foi possível categorizar as estratégias em unidades temáticas e nomeá-las como mostra o Quadro 3. Ambos relataram todo o processo de tradução, desde o estudo do material até a revisão final do vídeo, por isso, entendemos por estratégias não apenas as escolhas léxico-sintáticas na transposição de uma língua para a outra, mas também a forma de lidar com todo o processo de feitura do vídeo desde a chegada da demanda até a revisão final do produto. Assim temos a seguinte divisão dos temas narrados:

| Temas em comum | Temas individuais - Anderson | Temas individuais - Joyce |
|-----------------------------------|-------------------------------------|---|
| Estudo prévio | Glosa | Anotações |
| Trabalho em equipe | Não usar óculos | Falta de terminologia em Libras na área da medicina |
| Público alvo | Escolhas lexicais e o senso comum | Escolhas lexicais em função da estrutura da língua |
| Recursos enunciativos-discursivos | Classificadores | |

Quadro 3: Categorias de estratégias tradutoras organizadas em temas

Fonte: *Elaborado pela autora*

Faremos a análise e interpretação dos enunciados relativos aos temas em comum, os temas individuais serão abordados durante a discussão.

5.1.1. Estudo prévio

Eles relataram realizar um estudo prévio dos conceitos trazidos por esta série de vídeos, pois sendo de áreas de formação distintas havia a necessidade de ter a compreensão de enunciados específicos dos campos temáticos do vídeo para então elaborar o enunciado em Libras.

EXCERTO 2 - Joyce – MVI_3410.MOV

0'33"

uma das dificuldades que a gente tinha... que eu tive por exemplo, nesse vídeo especificamente era tratar de alguns termos não só dificuldade no termo em libras mas de entender mesmo o significado em português, né? porque às vezes a dificuldade “Ah eu não sei o sinal” Tá, mas se eu sei pelo menos o conceito eu conseguiria fazer construções né? então às vezes eu tinha que buscar pelo conceito, pesquisava o sinal, nem sempre a gente encontrava, então a gente tinha que pensar construções a partir desses conceitos que a gente encontrava em português, então ... era uma das coisas.

EXCERTO 3 - Anderson 00032. MTS

6'13"

As engenharias elas tem algumas coisas em comum, tem bastante coisa em comum até de empresa júnior, empresa não sei o quê, e aí tinha coisas que eu não vou lembrar se foi para esse, mas tinha coisa que a gente já chegou a ligar lá para perguntar, sabe? tipo o que que é uma empresa tal ou eles usavam umas siglas, se bem que esse aqui não usou sigla, mas teve uns outros que eles usam siglas, uns nomes diferentes.

Os tradutores relatam fazer uma busca dos significados em português dos termos que são desconhecidos antes de começarem a elaborar a tradução. Uma das características da tradução entre línguas orais é a de consulta e pesquisa às fontes durante a elaboração do texto traduzido uma vez que este se dá na modalidade escrita, as possibilidades de reescrita, correção e revisão se dão conforme o tempo disponível para elaborar o trabalho. Entretanto, nas línguas de sinais, os tradutores precisam fazer o mesmo preparo num primeiro momento visto que o suporte é o vídeo e durante a gravação do texto alvo não há a possibilidade de consulta a materiais devido a restrição do tempo no estúdio, assemelhando-se mais ao processo interpretativo do que tradutório. Esse momento de preparo supre o requisito da competência extralinguística que é “composta por conhecimentos essencialmente declarativos, sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares, conhecimentos (bi)culturais na língua de partida e de chegada, enciclopédicos e temáticos de âmbitos específicos” (ALBIR, 2011, p. 395-396 *apud* NOGUEIRA & GUESSER, 2018, p. 126).

Nos casos particulares, cada um apresentou uma estratégia particular de preparação da tradução, a seguir:

ESCERTO 4 - Anderson - 00031.MTS
13'29"

E aí por exemplo você vê... a gente fazia por glosa, então tinha o intérprete de apoio que tava lendo a glosa para mim por cima da voz da pessoa, e eu prefiro fazer assim porque você consegue montar, acho, que melhor a estrutura, mas isso é uma coisa particular minha! por exemplo a Joyce não gostava muito ela fazia glosa estudava você lia para ela antes, então assim, “agora você lê” ela fazia ((mexendo as mãos como se sinalizasse)) mas aí na hora de fazer, ela fazia direto com o áudio do vídeo. Eu não, então o vídeo ficava meio baixo, então sei lá, se era a Sarah que tava de apoio, a Sarah que ouvia o áudio e falava pra mim, então eu fazia só baseado no que o apoio falava. E aí eu consigo, por exemplo, trazer alguns elementos que surgem antes ((dá play no vídeo))... Surgem antes dele falar por exemplo M-E-C-A-T-R-Ô-N-I-C-A a hora que ele falou eu já tava tipo soletrando ((faz a palavra em datilografia)) a palavra. E foi uma palavra que eu tive que colocar que apesar de também ser uma das áreas da (engenharia)... ficava muito fora porque ele fala um ponto específico da mecatrônica

As glosas são uma forma de registrar em palavras do português em uma sequência de sinais em libras. Dessa forma, ao ouvir as palavras, o tradutor acessava a memória da tradução que havia planejado durante a gravação; essa estratégia facilitava o adiantamento de elementos a fim de concluir a fala em Libras junto com a fala em português.

EXCERTO 5 - Joyce - MVI_3413.MOV
0'16"

Eu assistiria o vídeo, farias as anotações que eu preciso fazer com relação a esse vídeo, buscaria os sinais, os termos, os conceitos, os significados das palavras que eu preciso dentro daquilo que eu anotei, iria rever o vídeo novamente né? E ali já pensando nessa construção e sinalizando e: ... ir. Mas eu não faço glosas assim, eu não tenho hábito de fazer não, embora eu acho importante, eu acho que facilita bastante o trabalho, mas isso é um outro trabalho, fazer a glosa! Tem o trabalho de fazer a tradução, o trabalho de fazer a glosa, depois o trabalho de concretizar né? e nem sempre você tem esse tempo todo! então às vezes você tem que assistir e já ir memorizando uma forma de dizer aquilo e ir fazer. Às vezes você tem mais tempo, então... depende.

Já para a outra tradutora as glosas não contribuem para acessar a memória da tradução, basta fazer suas próprias anotações. Entretanto, ela entende ser uma etapa importante da tradução, mas como ela parte do pressuposto de que não haverá tempo de executá-la, ela simplifica esta etapa com as anotações.

5.1.2. Trabalho em equipe

Os profissionais revelam ter presentes no momento da gravação de um a dois profissionais na função de apoio, tal como em uma situação de interpretação simultânea

constituindo, portanto, uma equipe de trabalho que, nesse caso, “refere-se a situações em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de realizar uma interpretação, no qual um intérprete apoia o outro.” (SILVA, 2013, p. 78 *apud* NOGUEIRA, 2016, p. 86)

A função do apoio nesta tradução é contribuir para que o tradutor não deixe de gravar nenhum dos enunciados que foram planejados no estudo prévio e na preparação de glosas/anotações, assim como observar se o tradutor em frente às câmeras não cometeu algum erro na sinalização, funcionando como um revisor na etapa de gravação.

Notamos que ambos os tradutores comentaram da participação do apoio tanto na elaboração da tradução quanto no momento da gravação:

EXCERTO 6 - Anderson – 00031.MTS
22’24”

Geralmente a gente tava em dois ou três então... a gente não tinha muito costume de reassistir... depois sabe assim tudo de uma vez, a gente via e via meio que na hora, às vezes quando precisava a gente via de novo mas geralmente eu não assistia de novo não, era só assim, se quem tava no apoio falou que foi, foi, se não foi aí a gente gravava de novo. 00032.MTS 7’56” A glosa a gente fazia sozinho... ((procurando um arquivo de glosa no notebook)) e mandava pro... aliás às vezes a gente nem mandava para quem fosse tá no apoio, pra pessoa dar uma estudada sabe? só que não era sempre não, não era sempre que dava e na verdade não dava sempre tempo da pessoa estudar antes então tipo a glosa eu fazia sozinho, lógico tinha coisa que eu ficava em dúvida, aí perguntava e ajudavam “oh fica melhor assim ou assim?” mas não era tipo “ah vamos fazer juntos” até porque geralmente a gente fazia dois por semana e aí tipo eu ficava com um a outra pessoa com outro e cada um montava o seu e depois a gente trocava o apoio

EXCERTO 7 - Joyce – MVI.3411.MOV
3’08”

cada um da equipe recebia uma quantidade xis de vídeos... normalmente era um ou dois por semana porque vinha um bloco assim, era uma época que eles estavam fazendo assim todos os cursos da UFSCar e de todos os campis, campus. Então era uma demanda, era uma remessa de vídeos ((passando a mão rapidamente sobre a mesa várias vezes)) que surgia semanalmente, então a gente... recebia de um a dois vídeos por intérprete, então a gente tinha que estudar os nossos vídeos, mas assim, como nessa época a sala dos intérpretes era uma sala para todos os intérpretes, então tava todo mundo ali junto em alguns momentos né? quando não tava atuando, o que facilitava essa comunicação entre um e outro. Então de repente eu tava estudando o meu vídeo mas me ocorria uma dúvida e aí eu recorria aos colegas que estavam ali na mesma sala e aí a gente parava pra pensar em como construir isso juntos né? mas normalmente via de regra cada um tinha o seu material para estudar

4’45”

e aí nós sempre gravávamos ou em dois ou em três intérpretes, ou tradutores né? nesse caso, nessa esfera. Por que? o que tava ali no turno... por vários motivos, porque a gente precisava do apoio, então apoio acontecia às vezes na própria língua de sinais ((movimentando as mãos para frente)) às vezes o apoio acontecia para dar as dicas de anotação que aquele tradutor tinha feito para ele mesmo

Percebemos que o trabalho de tradução em língua de sinais não é um trabalho solitário mesmo sendo individual. Individual na responsabilidade da elaboração da tradução com a autonomia no uso de sua metodologia e estratégias pessoais, mas não é

solitário, pois existe a necessidade de consulta aos pares para sanar dúvidas ou trocar experiências. No caso aqui analisado a demanda era uma tradução, mas concordamos com Nogueira (2016) quando discute o trabalho em equipe em situações de interpretação simultânea e consideramos que essa discussão pode ser transposta uma TALS:

Nesse sentido, entendemos que o trabalho em equipe pode ser considerado uma estratégia da interpretação, um mecanismo para resolver problemas no processo de transferência de uma língua para a outra, ou até mesmo dificuldades de ordem psicofisiológicas. (NOGUEIRA, 2016, p. 86)

A divisão de trabalho entre a equipe possibilitou que eles cumprissem o prazo para a divulgação dos vídeos em meio a outras demandas da universidade. A participação de um ou dois tradutores no apoio durante a gravação é uma característica da tradução na esfera audiovisual, pois no momento da gravação ela passa a ser uma interpretação simultânea. Enquanto um tradutor está diante da câmera o outro é responsável pela leitura da sua glosa ou atenção voltada para a sinalização do outro e sempre pronto para passar informações a fim da tradução corresponder ao que foi planejado.

Além dos tradutores trabalharem em equipe, há também a parceria com a equipe audiovisual, de onde partiu a demanda pela tradução da série. A rotina de trabalho dos tradutores nesta série, segundo relatado por eles, seguia da seguinte forma: o LAbI enviava 2 vídeos por semana para a SeTILS traduzir, isto significa que no prazo de 1 semana eles estudavam os vídeos, faziam a glosa¹² ou anotações e gravavam no estúdio do LAbI com 2 ou 3 tradutores nas funções de turno e apoio, a pós produção era feita pela equipe audiovisual cabendo à SeTILS a revisão final da janela de Libras. Ambos relataram que o trabalho em conjunto com a equipe do LAbI transcorreu tranquilamente.

EXCERTO 8 - Joyce- MVI_3411.MOV

7'49"

Lis- Você tinha espaço para negociar com a equipe?

Super! nossa eles eram muito:: abertos assim, tanto o pessoal que nos acompanhava nas gravações o pessoal uma graça! Uma graça! às vezes a gente errava e eles voltavam pacientemente eles eram muito muito! muito atenciosos!

EXCERTO 9 - Anderson - 00032.MTS

1'38"

Lis – E a janela? Vocês negociaram o tamanho, o fundo, como foi pra inserir a janela?

O () tava muito acostumado porque a gente tava fazendo sempre então eles já tinham um padrão que seguia

¹² Glosa é uma forma de nomear sinais da língua de sinais com palavras da língua portuguesa cujo objetivo é registrar a sequência de sinalização de uma oração em língua de sinais.

Ainda relacionado ao trabalho com a equipe audiovisual, os tradutores comentaram combinados entre os tradutores e a equipe de apoio, a seguir.

EXCERTO 10 - Anderson – 00031.MTS

1'31”

A gente fazia por trechos né? Que você pode ver que vai trocando a pessoa que tá falando aí: eu gostava de fazer glosa então eu pegava não fazia transcrição fazia direto do áudio, aí eu escrevia a glosa de acordo com as pessoas assim, e aí a gente gravava também por conta... por esses cortes então, tipo assim “gravando!” ((mexe as mãos como se estivesse sinalizando)) Então soltava essa parte a gente fazia e parava ((apoia uma mão sobre a outra)) porque aí ajudava era o:: que era o Rafa que fazia edição, porque como ele não sabia libras para ter certinho a sincronia, então a gente fazia por tempo, só que aí às vezes a gente tinha aquele um segundinho antes e aquele um segundinho depois mas às vezes a gente precisava acelerar um pouco.

EXCERTO 11 - Anderson - 00032.MTS

10'39”

Eles faziam toda edição sozinho a gente só fazia no estúdio mesmo, a gente se encontrava no estúdio eles gravavam, aí a regra... que era assim a gente... eles gravam com o áudio para captar o áudio para saber também que parte que era qual e:: quando a gente gravava mais de um ele marcava que era sempre o último que era o certo, a não ser que alguma hora que a gente fazia mas era bem raro tipo, fazer e “ah não ficou melhor a anterior” e aí ele marcava. Mas geralmente de marcava “ah é o último dessa parte” e aí quando eles terminavam eles mandavam como não listado pra gente dar o OK e aí depois divulgavam. Eu acho que já chegou uma vez só da gente precisar regravar por ter ficado alguma coisa assim... fora.

EXCERTO 13 - Joyce – MVI_3411.MOV

8'07”

Nunca ocorreu da gente ter que ir na ...parte da edição né? depois da gravação auxiliar na edição mas sempre antes de concluírem aquele vídeo eles encaminhavam o vídeo para gente traduzido para que nós validássemos, isso era muito legal. Então a gente assistia esse vídeo depois e validava “oh tá legal, foi isso mesmo” por que? normalmente quem edita não sabe língua de sinais, então os cortes por exemplo a gente fazia marcações ((apoia uma mão sobre a outra)) então se concluiu um bloco de fala a gente ((apoia uma mão sobre a outra)) fazia essas marcações até para facilitar na edição então isso eram combinados que a gente fazia entre os tradutores e entre a equipe que ia fazer a edição dos combinados ((apoia uma mão sobre a outra)) dessas marcações para eles saberem quando encerrava um bloco.

Para consolidar o trabalho em equipe, visto que os técnicos do audiovisual não tem conhecimento em língua de sinais, a equipe de tradutores elaborou estratégias para que o enunciado da janela de libras correspondesse ao enunciado em português oral tanto na gravação quanto na edição. Uma delas é a gravação do áudio do vídeo da série síncrono à imagem do tradutor, outra é gravação por blocos de fala dos entrevistados do vídeo da série, marcações de parada de mão uma sobre a outra indicando que havia acabado aquele bloco de fala e anotações para o editor indicando qual gravação ele deve usar. Isso foi suficiente para as duas equipes trabalharem separadamente e, na etapa da edição, o vídeo ser concluído sem a supervisão de um dos tradutores cabendo a eles a revisão final da edição.

5.1.3. Público Alvo

Um segundo tema entre eles foi a reflexão sobre o público alvo do vídeo que impacta nas estratégias tradutórias. Ambos têm em mente um auditório social para realizarem este trabalho, no entanto esse auditório é distinto para cada um dos participantes.

O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. Quanto mais culto for um indivíduo, tanto mais seu auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época. (VOLÓCHINOV, 2017, p.205)

O auditório social de cada indivíduo depende da sua proximidade com uma classe social em uma determinada época. Podemos prever que o auditório social de ambos os tradutores seja semelhante, pois ambos convivem na comunidade surda, possuem formação em nível superior e larga experiência de trabalho nesse contexto, no entanto foram relatadas diferentes perspectivas para o público alvo da série.

EXCERTO 14 - Anderson - 00032.MTS

2'57"

...mas ao mesmo tempo você pensa que isso não é um vídeo... sobre engenharia para engenharia ele é um vídeo para... para alunos assim tipo gente que quer saber que curso vai fazer...

EXCERTO 15 - Anderson - 00031.MTS

27'00"

...Sei lá por um lado eu penso assim que você tem a questão do cliente do texto original mas eu acho que, o que principalmente eu penso é no objetivo assim se é um vídeo que tem o objetivo de você divulgar um curso para alguém que talvez tenha o interesse de fazer esse curso tipo um surdo que passou aqui na UFSCAR porque está pensando em fazer e ele ver esses vídeos para decidir qual curso ele quer fazer

EXCERTO 16 - Joyce MVI_3414

8'17"

E outra coisa a gente traduz e não é só para o surdo, porque a ouvinte também vê isso aqui, e às vezes o ouvinte que sabe libras vê isso aqui, e aí a gente sabe que na área tem uma crítica tem... sei lá uma coisa que assombra, então a gente fica exposto a críticas também vindas não só de surdos mais vinda de outros profissionais, então essa preocupação de preservar a língua, de preservar uma postura, de preservar escolhas, de se manter nessas escolhas... todas essas escolhas elas tem a ver com preservar sua imagem né? até porque a gente não tem acesso de quem é que vai assistir isso se é um surdo, se é um tradutor, que olhar que vai ter sobre isso, então é importante a gente ter essas preocupações sabe eu acho que...você não tem que se preocupar só com o léxico, só com sinal, é um negócio tão amplo, o sinal é uma das coisas que você tem que se preocupar sabe? você tem uma série de outros elementos aí que estão juntos e não sei...

É interessante observar que para um dos profissionais, o público alvo da tradução podem ser os secundaristas que procuram encontrar um curso de nível superior e/ou um aluno surdo que procura se informar sobre os cursos da UFSCar. Já a outra profissional entende que uma vez que o vídeo está público na internet, tanto surdos como ouvintes terão acesso à tradução quaisquer que sejam seu interesse no vídeo. Ou seja, nos discursos há um deslocamento do auditório social de “interessados em ingressar na universidade” para um auditório social “pessoas que acessam o vídeo” e cada um elabora a sua tradução a partir destes pontos de vista. Notamos que o auditório social da tradução não é estável entre os tradutores de uma mesma equipe e isto vai impactar em escolhas léxico-sintáticas como veremos no tópico sobre os recursos enunciativos. Essa variação confirma a tese bakhtiniana de que todo ato de linguagem é axiológico, ou seja, de que valoramos ao enunciar a partir do lugar de enunciação. No caso aqui analisado, os tradutores entram em certa empatia com o público-alvo presumido vendo “[...] axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 27). Na perspectiva dialógica,

pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem *exterior* em um novo plano de existência (Idem, p. 33).

A TALS aqui, enquanto atividade enunciativo-discursiva, só foi pensada a partir da elaboração imaginária do auditório social de quem seria o interlocutor. Para o primeiro, a presunção de que o auditório seriam estudantes surdos secundaristas permitiu que sua atuação considerasse elementos específicos para esse público. Para a segunda, além do público surdo, a preocupação de uma avaliação coletiva de surdos e ouvintes mobilizou escolhas direcionadas, também, a ambos os públicos. Os tradutores, então, tomam posição, pela linguagem, em função da interlocução presumida e imediata.

5.1.4. Recursos enunciativo-discursivos

O próximo ponto que iremos discutir é a velocidade da fala das pessoas no vídeo como a principal dificuldade da tradução. Isso se deve ao fato de o vídeo chegar pronto

para os tradutores. Não houve a participação da SETILS nas etapas anteriores da produção do vídeo, do roteiro à edição.

Os vídeos produzidos para *internet* são, geralmente, de linguagem rápida, de curta duração e com muitos cortes por minuto. Esse estilo de vídeo ficou conhecido por *vlogs*, *webseries*, *videocasts* e, a depender da frequência de publicação do conteúdo na rede, normalmente são apresentados por uma única pessoa. Entretanto, no nosso caso aqui analisado, os vídeos são apresentados por professores e alunos dos cursos mesclando uma linguagem característica o que tem sido produzido para circular na *internet* com o gênero de divulgação científica. Essa mescla ajuda o vídeo a atingir um público maior, uma vez que qualquer pessoa pode acessá-lo na rede e, conseqüentemente, aumentar o interesse pelos cursos divulgados.

EXCERTO 17 - Joyce - MVI_3411. MOV

1'12"

Eu lembro que esse vídeo e alguns outros que eu fiz também, a velocidade da fala das pessoas eram fator que... complicava, em alguns vídeos. Nesse vídeo tem algumas falas que são bem aceleradas assim, a pessoa tem um ritmo de fala que é dela e que, quando foi feita a gravação não foi tomada esse cuidado talvez de pensar "olha esse vídeo vai ser traduzido para libras então vamos nos atentar para questão, sei lá, da velocidade da fala porque isso pode interferir" sei lá ...alguma coisa nesse sentido NÃO! Então assim... tinha algumas falas extremamente rápidas e aí você tinha ((mexe as mãos muito rapidamente)) que sinalizar meio que na velocidade da fala porque até a forma como o vídeo ele é editado, é uma fala quase que se sobrepondo à outra assim então termina uma e começa outra ((coloca uma mão ao lado da outra)) você não tem um intervalo, então assim, não dava assim para você ter um *lag time* muito...como é que fala? um *lag time* muito assim... descompassado assim porque senão você não conseguiria acompanhar essa velocidade então eles teriam que possivelmente acelerar o vídeo o que ficaria pior, porque daí comprometeria talvez até a compreensão do próprio surdo. Então tinha muitas escolhas ali que... a gente tinha que fazer escolhas às vezes pelo tempo às vezes pela/pelo termo ((risos)) às vezes pela velocidade da fala da pessoa, isso foi bem interessante.

EXCERTO 18 - Anderson – 00031.MTS

19'00"

Realmente eu acho que a datilologia é bem rápida assim. Difícil de acompanhar né?

Lis - Mas tem edição na velocidade? Ou não?

[
Não, esse aí tá normal

((risos))

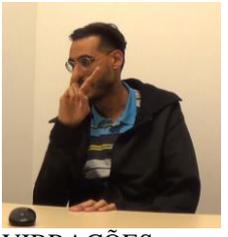
Mas é pra dar tempo, entendeu? Eu acho que o mais difícil é isso, é você fazer caber no tempo.

A dificuldade em acompanhar a velocidade da fala poderia ser facilitada se houvesse uma breve pausa entre cada uma das pessoas que apresentam o curso, porém é uma negociação com a equipe audiovisual que precisa ser feita antes do vídeo ser produzido, conforme orienta o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis*.

Como estratégias para lidar com esta dificuldade, os tradutores apontaram o fato de acelerarem a velocidade de suas sinalizações para evitar o uso de recursos de edição na velocidade do vídeo traduzido, no entanto, eles percebem que essa estratégia implica dificuldades na compreensão do texto em Libras.

Ambos falaram sobre fazer apontação para a inserção de *letterings* na pós-produção. Essa estratégia foi utilizada para momentos em que não haveria tempo de falar uma lista de conceitos, ou o nome das áreas de estudo daquele curso em língua de sinais, também apontaram esse recurso verbo-visual como forma de preservação dos termos da área como veremos a seguir.

Anderson - 00031.MTS

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso Fonte |
|-------------------------|---|--|--|
| 8'10" | Aqui a gente rouba para janelinha ((apontando na tela do notebook)) por conta que, de novo, é muito conceito que eu teria que ficar es-tá-tica |  |  |
| 8'22" | [E-S-T-Á-T-I-C-A, ((soletração)) |  | 0'28 |
| 8'23" | di-nâ-mi-ca, [D-I-N-Â-M-I-C-A ((soletração)) | ESTÁTICA 8'22" | |
| 8'24" | vi-bra-ções, [V-I-B-R-A-Ç-Õ-E-S ((soletração)) |  | |
| 8'28" | mecânica dos fluidos [F-L-U-I-D-O-S ((soletração)) então a gente optava por fazer assim porque eu acho, que tipo, é o conceito entendeu? | DINÂMICA 8'23" | |
| | |  | |
| | | VIBRAÇÕES 8'24" | |

| | | | |
|-------|--|---|--|
| | | FLUIDOS 8'28" | |
| 8'35" | aí você joga a resposta para quem tá assistindo porque, tipo sei lá, dinâmica |  DINÂMICA 8'42" | |
| 8'42" | [(Sinaliza DINÂMICA) não é essa dinâmica, entendeu? | | |
| 8'44" | [(ESSA – Mãos abertas) | | |
| 8'48" | Lis- Por que que você falou "rouba para janelinha"? por que "rouba?" ((risos)) | | |
| 8'53" | ((risos)) "Rouba" porque tipo assim, ah eu não tô fazendo 100% em língua de sinais eu tô usando outros recursos semióticos ((fala muito baixo)) outros recursos que assim se você pensar por um lado, tipo "ah mas e se você for pensar em um surdo que não sabe a língua portuguesa?" ele vai se perder nessa parte porque não tem uma tradução, ele vai ter que ler... | | |

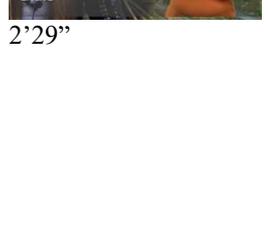
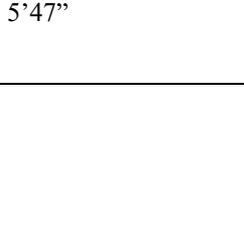
Quadro 4: transcrição intramodal 1

Fonte: elaborado pela autora

Neste momento percebemos que o tradutor percebe o recurso verbo-visual como uma ausência de tradução, visto que as palavras em português não foram sinalizadas, ao mesmo tempo essa foi a solução encontrada para trazer todos os itens listados no tempo da fala original. Notamos que essa estratégia foi uma solução para evitar a datilologia de todos os nomes dos projetos mecânicos mencionados, pois não daria tempo. Percebemos também que o público alvo do vídeo para este tradutor é de surdos bilíngues e por isso a escolha dos elementos em língua portuguesa foi uma escolha adequada neste momento do vídeo, visto que o seu foco consiste em manter os conceitos daquela área científica.

Já a segunda tradutora fez uso do mesmo recurso verbo-visual de apontar para palavras em português na tela, vejamos o que ela relatou da experiência.

Joyce MVI_3411.MOV

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso Fonte |
|-------------------------|--|--|---|
| 5'17" | Tem uma parte do vídeo que ele aponta que ele lista cinco coisas, né? e aí no começo a tradutora fez, no caso eu, fiz assim porque eu |  |  |
| 5'30" | [BOIA havia pensado na estratégia de fazer assim |  |  |
| 5'33" | [BOIA mas aí o meu tradutor apoio lembrou de uma informação que eu havia esquecido de que essas informações |  |  |
| 5'39" | [(APONTAÇÃO Esquerda) iriam estar no vídeo, então eu não teria que ter essa preocupação de |  |  |
| 5'44" | listar aqui |  |  |
| 5'45" | [BOIA e dizer e o nome |  |  |
| 5'45" | [(Aponta para dedos da boia) |  |  |
| 5'47" | de cada uma delas porque elas |  |  |
| 5'49" | [APONTAÇÃO estavam logo ao lado só tinha que apontar |  |  |
| 5'49" | [APONTAÇÃO e isso |  |  |
| 5'49" | tava na glosa mas a glosa como não tava comigo tava com apoio ele tinha essa função também de passar para a gente as anotações que a gente mesmo fazia |  |  |
| 5'49" | |  |  |



Quadro 5: transcrição intramodal 2
Fonte: elaborado pela autora

Para esta profissional, o recurso verbo-visual serviu para ela mesma se lembrar de suas anotações, o tradutor apoio lhe passou esta informação de que ela deveria apontar para a imagem e manteve a estratégias de indicar nos dedos cada um dos cinco itens mencionados pela estudante de medicina. A tradutora não fez uso da datilologia para nomear as atividades do curso de medicina, ela elaborou cada uma das atividades em sinais.

Sobre o uso da datilologia na tradução foi um dos pontos sobre estratégias utilizadas que ambos relataram. A datilologia é o uso do alfabeto manual da Libras para a descrição de nomes próprios em português e é utilizada não somente para a soletração de nomes, pode ser uma opção do TILSP em razão de algumas influências.

Iniciaremos com os comentários do Anderson sobre o uso de datilologia para o termo “força”, esses comentários transcritos a seguir são a continuação do Quadro 1 em que o tradutor contrapunha a utilização do sinal convencional de “movimento” para o conceito da física e o conceito “força” em que ele utilizou a datilologia seguida do sinal convencional:

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso fonte |
|-------------------------|--|---|---|
| 5'44" | Aí já força eu já... pra mim já é muito mais claro que força não é essa força, |  |  |
| 5'50" | [FORÇA (dedos sobre o nariz) | 5'50 | 0'17" |
| 5'52" | ou força [FORÇA (mão sobre o braço direito) |  |  |
| 5'57" | porque força na física é um outro conceito também. ((retoma o vídeo)) Eu usei força [F-O-R-Ç-A ((soletração)) | 5'52" |  |
| | |  |  |
| | | 5'57" |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |

| | | | |
|--|--|---|--|
| <p>6'00"</p> <p>6'03"</p> <p>6'05"</p> | <p>É verdade agora eu não... porque eu em um usei o movimento e eu não usei o mo-vi-men-to</p> <p style="text-align: center;">[M-O-V-I-M-E-N-TO</p> <p>e no outro eu usei for-ça</p> <p style="text-align: center;">[F-O-R-Ç-A</p> <p>sendo que nos dois eu to usando a mesma coisa. Também... não sei.</p> |  <p>6'03"</p>  <p>6'05"</p> | |
| <p>6'13"</p> | <p>Mas eu acho que é porque eu tenho o conceito do que é... mais entendimento do que é força do que do que é movimento. Tipo, força eu consigo entender, eu não vou saber te explicar mas se você me perguntar eu vou saber que força na física não é o senso comum. Agora movimento na física eu não sei se... se tipo... inclui também o que que é ((risos)) o que que é o senso comum, tipo "ah é movimento!" entendeu?</p> | | |

Quadro 6: transcrição intramodal 3
 Fonte: elaborado pela autora

Segundo o tradutor, a compreensão do conceito influencia a escolha da estratégia utilizada. O uso da datilologia para a palavra “força” em português foi motivado pelo entendimento de que o assunto era o conceito de força na física, já o uso do sinal para a palavra “movimento” deveu-se ao conhecimento do senso comum. Quando ele foi questionado se havia feito uma pesquisa do conceito de movimento, o tradutor disse não se lembrar e complementou:

EXCERTO 19 - Anderson - 00031.MTS

5'00"

E aí também era meio por esquema de produção então eu não ia me aprofundar muito em engenharia mecânica no que que é

Uma das características da produção audiovisual é o grande volume de trabalho para prazos de entrega muito curtos em função do tempo das etapas de produção do vídeo, roteiro, gravação e edição, é na edição que fica o gargalo do tempo de entrega do produto final, o que ele chamou de “esquema de produção” por semelhança a uma linha de montagem fabril. A falta de tempo limitou a pesquisa pelos conceitos durante o estudo prévio e consequente variação no uso das estratégias, ora motivada pelo seu conhecimento de física, ora pela falta de conhecimento.

Em um dado momento, o tradutor comenta a insistência na utilização do recurso da datilologia a fim da preservação do conceito científico em português.

EXCERTO 20 - Anderson - 00031.MTS

16'58"

Aí eu fiz bastante datilologia também porque... muita coisa muito específica né? da área ali, num sei, eu fico meio assim de fazer de qualquer jeito e chegar, sei lá, não contemplar assim muito, ficar assim muito superficial, ficar muito no:: geralção assim, e aí tem conceitos que são mais específicos e aí tem que trazer para o português ((faz datilologia com uma das mãos)) porque ainda é pelo menos eu não tenho o conhecimento deles na língua de sinais

Sobre esta estratégia a segunda tradutora relata ter a utilizado os mesmo princípios:

EXCERTO 21 - Joyce – MVI_3412.MOV

4'44"

Por exemplo “metodologias ativas”... o que são metodologias ativas? eu não tenho noção do que seja metodologia ativa ((risos)) e mesmo que/ tinha coisas que mesmo que a gente pesquisasse não tava ali aquela informação disponível, pronta ou acessível para você entender o que era aquilo se você não fosse da área, né? Então “metodologias ativas” essa parte construtivista ok, a gente já tem um método construtivista e tal mas assim, aqui entra de novo, mas entraria mais na parte conceitual né? por eu não saber o que é uma metodologia ativa a minha escolha aqui foi fazer uma datilologia por exemplo por que como que eu vou falar um ativo né? vai que eu dou um conceito errado né? Enfim.

Nesse sentido a datilologia foi uma estratégia utilizada para preservação do nome dos termos de áreas de conhecimento específico, como a física, e também é usada quando não se conhece os conceitos com profundidade, mantendo-os em português, como metodologia ativa.

EXCERTO 22 - Anderson-00032.MTS

4'52"

Uma coisa que eu lembrei de gravação que era ruim é porque eu tenho que gravar sem óculos por conta dos reflexos da luz ((aponta para as lentes do óculos)) aí eu não gostava tipo, de ter que gravar sem óculos. Não por ser sem óculos mas porque eu não enxergava direito, era meio ruim... mas eu acho que isso não influencia em alguma coisa...
6'00"Mas não que atrapalhava a performance assim.

Devido à angulação das luzes dos refletores no estúdio, formam-se reflexos nas lentes dos óculos e por isso o profissional não pode utilizar seus óculos no momento da gravação. O tradutor transparece sentir incômodo pela falta dos óculos apesar de dizer não afetar a *performance* em frente a câmera.

O tradutor relatou ter usado uma construção visual a que denominou classificador para o momento em que foi dita a palavra “peças” no vídeo fonte. A tradutora não relatou fazer uso de estratégia equivalente.

Anderson-00031.MTS

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso Fonte |
|-------------------------|--|--|---|
| 7'19" | Peças [CL-PEÇAS ¹³ - também tipo... é um classificador porque você não tem um sinal. Não sei se isso |  |  |
| 7'26" | aqui [CL-PEÇAS é o sinal de “peças”, agora eu não lembro se eu pesquisei, ou se eu fiz meio |  |  |
| 7'34" | classificador [CL-PEÇAS intuitivo |  de... 7'19": CL-PEÇAS AQUI | 0'20" |

¹³ CL – Classificador. Existem pesquisas que discutem o termo classificador como, por exemplo, Silva (2014) que trabalha com o termo demonstrações para este tipo de elemento narrativo, no entanto será utilizado aqui o termo *classificador* por ser o mesmo utilizado pelo tradutor.

| | | | |
|--|--|---|--|
| | | 7'26"  CLASSIFICADOR 7'34" | |
|--|--|---|--|

Quadro 7: transcrição intramodal 4
Fonte: elaborado pela autora

Tratando-se da influência da competência referencial para a escolha lexical extraímos esses excertos que demonstram a preocupação em tornar a mensagem o mais objetiva possível. O sinal para a palavra “movimento” foi largamente discutido pelo tradutor que demonstra como a compreensão do sentido de uma palavra influencia na escolha lexical para a língua alvo. A escolha do sinal deveu-se ao entendimento genérico de movimento, sem nenhum vínculo a conceitos teóricos da área da engenharia.

Anderson-00031.MTS

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso Fonte |
|-------------------------|--|---|----------------|
| 3'41" | Lis: Aí você usou esse sinal porque é o mais convencional? | | |
| 3'43" | mais convencional... [MAIS CONVENCIONAL e também pensando que é o que entra no senso comum. Eu sei que a gente “Aí o senso comum!” Mas assim, tipo, o cara quando ele tá falando ele tipo tá falando movimento talvez ele tenha outro conceito de movimento mas no geral, tipo, você vai pensar no... movimento |  MAIS CONVENCIONAL 3'43" | |
| 4'08" | [MOVIMENTO ((fala baixo)) |  MOVIMENTO 4'08" | |
| | Eu acho que eu fiz.. tem muita coisa aqui nos vídeos do “Que curso eu faço?” que era tipo umas coisas muito específicas assim, a gente | | |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>gente precisa fazer algumas escolhas para dizer o mesmo de uma outra forma.</p> |  |
|--|--|---|

Quadro 9: transcrição intramodal 6
 Fonte: elaborado pela autora

Entretanto ela comenta ter dificuldade quando os significados são muito parecidos.

| Tempo do discurso em LP | Transcrição do discurso em LP | Discurso citado | Discurso Fonte |
|---|--|---|---|
| <p>1'43''</p> <p>1'52''</p> <p>1'53''</p> <p>1'55''</p> <p>1'56''</p> | <p>Eu lembro que nessa parte que tinha muito termo assim ((retoma o vídeo)). Tem a parte da maternidade e obstetra. Então no caso aqui eu fiz a escolha médico</p> <p style="text-align: center;">[MÉDICO</p> <p>para gestante,</p> <p style="text-align: center;">[GRÁVIDA</p> <p>médico</p> <p style="text-align: center;">[MÉDICO</p> |  <p>MÉDICO</p> <p>1'52''</p> |  <p>0'35''</p> |

| | | | |
|---------------------------|--|---|--|
| <p>2'00</p> <p>2'01''</p> | <p>ginecologista, [CL-MÃOS ABRINDO mas médico [MÉDICO ginecologista [CL-MÃOS ABRINDO [PARA GESTANTE não necessariamente é o obstetra, então assim dificuldades como essas do âmbito lexical era muito comum, porque a gente está fazendo tradução de cursos de áreas específicas! não dá para fugir da terminologia quando você tá falando de áreas específicas.</p> |  <p>1'53''</p>  <p>1'55''</p>  <p>1'56''</p>  <p>2'00''</p>  <p>2'01''</p> |  <p>0'36''</p>  <p>0'37''</p>  <p>0'38''</p> |
| <p>3'05''</p> | <p>Então assim, você tem obstetra, ginecologista e maternidade como áreas, são muito próximas! as três lidam com a mulher, com o corpo da mulher né? e como situações... um ginecologista pode</p> | | |

| | | | |
|--|---|--|--|
| | <p>atender uma gestante, mas o obstetra ele atende a gestante, e tem a maternidade que é uma outra área da medicina e que também atende! Então quer dizer, como eu digo só com elementos da língua né? eu sinto falta às vezes de ter sim um termo para diferenciar, mas um termo que seja convencional né? socialmente partilhado por exemplo porque não adianta eu fazer o sinal que só eu sei aí o surdo que vai assistir não sabe então isso não resolve de forma alguma!</p> | | |
|--|---|--|--|

Quadro 10: transcrição intramodal 7

Fonte: elaborado pela autora

5.2. Discussão das estratégias encontradas

Finalizada a descrição das estratégias encontradas, analisaremos como os elementos linguístico-discursivos impactam de forma objetiva a tradução, em seguida a forma como os tradutores transpõem os enunciados do gênero institucional de divulgação científica para a Libras e, por fim, as estratégias de inserção de legenda na pós produção/revisão da tradução, as questões principais a que esta pesquisa se propõem.

O principal elemento foi a velocidade da fala. O gênero do vídeo institucional é marcado por pessoas que dão depoimentos em frente a câmera sobre a instituição ou os serviços que ela oferece. No caso do “Que curso eu faço?” professores e alunos dos cursos mencionam a grade curricular, projetos de pesquisa e extensão ligados aos cursos e o perfil do profissional egresso. As falas são entrecortadas de um sujeito para o outro de modo que cada uma seja uma síntese de uma das características do curso. Desse modo as falas são muito curtas e há grande quantidade de cortes, o que nos dá a sensação de aumento na velocidade da fala. Por este motivo, a principal dificuldade na tradução para a Libras é fazer o discurso na língua alvo ter a mesma duração do discurso na língua fonte. Esta dificuldade é inerente a diferença de modalidade entre as línguas, a oral e a gesto visual, pois como afirma Rodrigues (2013, p.114) a respeito do impacto dos efeitos de

modalidade, “a fluência do texto fonte, o estilo do autor desse texto e a velocidade com a qual ele é produzido, interferem no processo de construção do texto alvo”.

A fim de cumprir com a duração do vídeo, diversas estratégias são utilizadas exclusivamente para este fim como, por exemplo, acelerar o ritmo de sinalização, omissão de frases, efeitos de edição como acelerar o vídeo traduzido, inserção de texto para onde o tradutor aponta. Esse aspecto para algo pouco discutido nos ETILS: a estreita relação entre traduzir e interpretar. Comumente a tradução é definida como uma atividade que trabalha com textos escritos e finalizados e a interpretação com textos imediatos e efêmeros. Entretanto, o que se percebe no caso em tela é que o fato de o texto fonte da TALS ser, geralmente, um texto falado há, do ponto de vista da execução da tarefa, características de interpretação. Questões como velocidade de fala e omissões, conforme apontado pelos tradutores, indicam que essa separação não é tão clara quando se trata de textos audiovisuais. Todo o processo, conforme enunciado pelos sujeitos, caracteriza o processo de tradução – pesquisa, planejamento, preparação, estudo prévio, mapeamento léxico-terminológico etc. – mas diante da câmera, no fazer tradutório, o profissional acompanha o *fluxo de fala* do texto fonte que é de modalidade oral.

Diante disso, observamos que, como o processo de preparação e planejamento caracteriza-se por questões específicas da tradução antes da execução da tarefa, o conhecimento dos conceitos teóricos impacta as estratégias dos profissionais. Por isso, constata-se que foi de fundamental importância o estudo prévio e consulta aos pares. A falta de conhecimento aprofundado nas áreas científicas da série impactou em estratégias como datilologia e utilização de sinais mais convencionais na comunidade surda para que o básico da informação pudesse ser transmitido. Foi comentado também a falta de terminologia da Libras para essas áreas específicas do conhecimento como um certo incômodo do profissional apesar de ter sido possível concretizar a tradução.

O mapeamento das estratégias também mostrou que os tradutores da instituição transpuseram os enunciados desse gênero para Libras através de busca de sinalários em diversos suportes, discussão coletiva e consulta aos pares e elaboração da tradução a partir de uma expectativa de público-alvo, visto que em uma tradução o interlocutor alvo não está presente. O profissional atuou considerando que o público é um representante médio do grupo social de que faz parte e é diferente para cada tradutor, confecção de glosas ou anotações para a gravação, suporte da equipe durante a gravação com o trabalho de um ou mais tradutores no apoio.

Diante disso, as estratégias relatadas sobre a janela de Libras na pós produção mostraram o trabalho de parceria entre SeTILS e LABI que ocorreu com fluidez tanto no estúdio como na pós produção, inserindo os *letterings* para onde os intérpretes apontam, fazendo a manipulação na velocidade para conter no tempo e envio para a SeTILS revisar a janela de Libras confirmando proposta de Nascimento (2011) e do *Guia de produções audiovisuais acessíveis* sobre a importância do tradutor e intérprete atuar desde a proposição da obra audiovisual até a sua finalização.

Os tradutores mencionaram estratégias durante a gravação para que a equipe audiovisual que não tem conhecimento da Libras pudesse editar os vídeos corretamente como, por exemplo, a gravação por cortes de fala, o apoio das mãos indicando que a fala em libras foi concluída, a vestimenta adequada para o fundo do *chroma key*, retirar os óculos para não ter reflexos da iluminação na imagem.

É interessante notar que nenhum dos profissionais considerou fazer parte da equipe audiovisual nas etapas da produção do vídeo, como no roteiro ou acompanhar as gravações. Apesar da parceria entre as duas equipes, a única solução verbo-visual foi a utilização de inserção de *letterings* em lista de conceitos em português a fim de facilitar para o tradutor durante a filmagem. A verbo-visualidade pode ser mais explorada se for planejada desde o roteiro. Quando a janela de libras é inserida no vídeo finalizado, não resta muitas opções além de cobrir o vídeo com a imagem da janela.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a descrever e analisar estratégias tradutórias na direção Libras-LP em vídeos institucionais de gênero de divulgação científica. A partir dessa análise micro pudemos observar o funcionamento deste gênero audiovisual quanto às suas características narrativas, os interlocutores a que se destina, a forma como é produzido no âmbito de uma universidade pública e o envolvimento dos profissionais tanto da equipe de produção como da de tradução.

Refletir a respeito dos elementos linguísticos-discursivos que do contexto analisado nos permitiu perceber outros elementos que impactam uma tradução intermodal audiovisual que é realizada não apenas no momento de captação da produção linguística da língua-alvo, mas desde a pesquisa dos conceitos em português, do léxico em Libras, do planejamento da estrutura da fala em Libras em função do público alvo, além do planejamento da imagem pessoal e da inserção no vídeo. A tradução intermodal audiovisual carrega aspectos da interpretação simultânea, pois no momento do registro em vídeo a sinalização acompanha o texto fonte que é de natureza falada.

A forma como os tradutores transpõem os enunciados deste gênero para a Libras é responsabilidade de cada um deles, pois têm autonomia para fazer suas decisões e escolhas tradutórias, o que não os impede de recorrer aos pares para sanar dúvidas, pedir sugestões e trabalhar como equipe no formato turno-apoio.

A falta de participação dos TILSP nas etapas de produção do vídeo impactou nas estratégias. Nenhum dos tradutores considerou participar da equipe audiovisual talvez pela alocação da função, talvez pela falta de tradição. Também não consideraram explorar estratégias verbo-visuais mais interessantes ou que solucionassem outras dificuldades além da de acompanhar o discurso fonte.

Quanto a inserção da janela de Libras nos vídeos do “Que Curso eu Faço?” ficou evidente o compromisso de ambas equipes, SeTILS e LAbI, com o discurso que é produzido por eles, visto que a revisão final do vídeo fica por conta dos tradutores.

Este trabalho visa uma forma de registro da atividade de tradução de TILSP na esfera audiovisual de produção de vídeos institucionais de gênero de divulgação científica, assim como ampliar a reflexão da prática da tradução audiovisual de um contexto micro para o macro abarcando todo o gênero e suas especificidades. Por fim, esperamos ter contribuído para a reflexão de profissionais TILSP que atuam nesta esfera e pesquisadores que se interessam pelo mesmo tema.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15290 (2016) - Acessibilidade em comunicação na televisão**. 2016. Disponível em: <https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=365121>

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual**. 2013. Disponível em http://www.recam.org/files/documents/pdm_2013.pdf. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. **Instrução Normativa nº 128, de 13 de setembro de 2016**. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-128-de-13-de-setembro-de-2016>. Acesso em: 26 jun 2018.

ALBAGLI, S. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 25, n. 3, dec. 1996. ISSN 1518-8353. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em: 05 jun 2019.

ALBRES, N. A. Gesto-visualidade no processo de tradução de literatura infanto-juvenil: marcas do discurso narrativo. **Translatio**. Porto Alegre, n. 9, 2015a. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/51669>

_____. Tradução intersemiótica de literatura infanto-juvenil: vivências em sala de aula. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 35, no especial 2, p. 387-486, 2015b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p387>

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANJOS, R. P. **Cinema para libras: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. Brasília, 2017. 96f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ARAÚJO, V. L. S.; ALVES, S. F. Tradução Audiovisual Acessível (Tava): Audiodescrição, Janela De Libras E Legendagem Para Surdos e Ensurdidos. **Trab. linguist. apl.** Campinas, v. 56, n. 2, p. 305-315, Ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138650164304021> Acesso em: 01 Maio 2018.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENEVIDES, C. Brasil 'tem a melhor legislação para deficientes das Américas'. BBC Brasil, Brasília, 25 ago 2004. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2004/08/040825_deficienciass.shtml. Acesso em: 26 jun 2018.

BORTOLIERO, S. A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras: a experiência do Centro de Comunicação da Universidade Estadual de Campinas (1974-1989). In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 25., 2002, Salvador. Anais... Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/637ad5e0cd55396c4d18827e9031242b.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000. **Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10048.htm. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.HTM. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. Decreto n 5.626. de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26 jun 2018.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm >. Acesso em: 26 jun 2018.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43-66 / Eng. 42-64, nov. 2013. ISSN 2176-4573. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/16568/12909>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BRITO, R. F. **Modelo de Referência para Desenvolvimento de Artefatos de Apoio ao Acesso de Surdos ao Audiovisual**. (Tese). Doutorado em Engenharia e Gestão do

Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BRITO, F. B., NEVES, S. L. G., XAVIER, A. O Movimento Surdo e sua Luta pelo Reconhecimento da Libras e pela Construção de uma Política Linguística no Brasil. In: **Libras em Estudo: Política Linguística.** (Orgs.) ALBRES, N. A., NEVES, S. L. G. São Paulo: FENEIS, 2013.

CHAUME, F. An overview of audiovisual translation: four methodological turns in a mature discipline. **Journal of Audiovisual Translation**, 1 (1), p. 40-63, 2018.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho.** Trad. Adail Sobral. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DALLAN, M. S. S.; MASCIA, M. A. A. A escrita de Libras (Signwriting): um olhar para o desenvolvimento linguístico do aluno surdo e para a formação do professor de línguas. In: **III CLAFPL- Congresso Latino Americano de Formação de Professores de Línguas**, 2010, Taubaté - SP. Tendências e desafios. Taubaté-SP: UNITAU, 2010. v. Unico. p. 564-578. Disponível em: http://escritades.dominiotemporario.com/doc/III_CLAFPL.pdf . Acesso em: 26 jun 2018.

FAITA, D. **Análise dialógica da atividade profissional.** Rio de Janeiro: 2005.

FAITA, D.; VIEIRA, M. Quando os outros olham outros de sim mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia.** Cuiabá, v. 7, n. 7, p. 27-65, 2003. ISSN 0104-687X. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/1137/901> . Acesso em: 20 fev. 2018.

FARIA, N. G.; SILVA, D. C. Legendas e janelas: questão de acessibilidade. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 65-77, jan./jun 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36156>

FRANCO, E. C. P.; ARAUJO, V. S. Questões Terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual. **Tradução em Revista.** n.11, 2011. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDFXXvmihttps://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDF> >. Acesso em: 05 jun 2018.

GRECO, G. M. The nature of accessibility studies. **Journal of Audiovisual Translation**, 1 (1), p. 205-232, 2018.

GRILLO, S. Esfera e Campo. In: BRAIT, B (Org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies, 1972/ 1994. In: VENUTI, L. **The Translation studies reader.** Routledge, 2000.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1979.

LEAL, P.M. V. Um olhar histórico sobre a formação e sedimentação da TV no Brasil. **Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia.** Fortaleza, 2009. Disponível

em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf> Acesso em: 9 jun 2019.

LIMA, A. P. **Visitas técnicas: um processo de “conciliação” empresa-escola.** (Tese). Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Programa de Pós Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Católica de São Paulo, 2008.

LIMA, A. P. (Re)pensando o problema dos gêneros do discurso por meio de uma relação entre Bakhtin e Vigotsky. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 113-126, 1o sem. 2010.

MACHADO, A. O vídeo e sua linguagem. **Revista USP**, n.16, p. 6-17, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25681> . Acesso em: 5 jun 2019.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos.** (Dissertação). Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2011.

NASCIMENTO, V.; HARRISON, K. M. P. Verbo-visualidade no gênero jornalístico televisivo: leituras para a construção de estratégias de interpretação da língua de sinais. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, p. 202-219, 2013.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016a.

NASCIMENTO, V. Da norma legislativa à atividade interpretativa: acessibilidade comunicacional de surdos à mídia televisiva. In: Orgs.: SILVA, A. A.; ALBRES, N. A.; RUSSO, A. **Diálogos em estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais.** Curitiba: Editora Prismas, 2016B.

NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 56, n. 2, p. 461-492, out. 2017. ISSN 2175-764X. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8649203>. Acesso em: 10 mar. 2018.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Org.). **Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis.** Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NICHOLS, G. **Literatura Surda: além da língua de sinais.** (Dissertação). Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

NOGUEIRA, T. C.; GUESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação Libras-português em contexto de conferência. **Translatio**. Porto Alegre, n. 15, junho de 2018. Disponível em: <
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180288/001070843.pdf?sequence=1>
>. Acesso em: 20 out. 2019.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167619>

PEZZO, M. R.; OLIVEIRA, A. J. A.; FABRÍCIO, T. M. LABI-UFSCar: De uma revista clássica às redes sociais, uma história de 10 anos dedicados à divulgação da C&T. In: 15º Congresso de la RedPOP 2017 – CONEXIONES, nuevas maneras de popularizar la ciencia, 2018, Buenos Aires. **Libro de Memorias**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2017. p. 315-320.

PRETTI, D. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.

QUADROS, R. M; SEGALA, R. R. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 354-386, out. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354> . Acesso em: 20 nov. 2017.

_____; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Desenvolvimento Bilíngue Intermodal: Implicações para Educação e Interpretação de Língua de Sinais. In: MOURA, M. C.; CAMPOS, S. R. L.; VERGAMINI, S. A. A (Org.). **Educação para surdos: práticas e perspectivas II**. São Paulo: Santos, 2011.

RODRIGUES, C.H; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em:
<<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 06 jun. 2018.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de línguas de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122677>.

SANTOS, W. **Telejornalismo e tradução: os desafios tradutórios frente a produção, gravação e apresentação do TJ UFSC Libras**. (TCC). Trabalho de conclusão de curso

Bacharelado em Letras Libras. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SCHWARTZ, Y. Manifesto por um ergoengajamento. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.). **Clínicas da atividade**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2011.

SILVA, K. F. B. **Tradução audiovisual da Língua de Sinais**: aspectos emocionais, formação e condição de trabalho. (TCC). Trabalho de conclusão de curso Bacharelado em Letras Libras. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, I. M., MARTINS, S. M., OLIVEIRA, T. C. Vídeos promocionais das universidades no Youtube. **Internet Latent Corpus Journal**. Vol. 1 N. 1 2010. ISSN 1647-7308. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ilcj/article/view/938> . Acesso em: 10 maio 2019.

SILVA, J. P. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em libras**. 2014. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-07052015-170319. Acesso em: 24 nov 2019.

SOBRAL, A. **Dizer o “mesmo” a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

_____. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

_____. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. **Nonada: Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 9-29, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451677002> . Acesso em: 29 mai 2019.

SPOLIDORIO, S. MAPeando a Tradução Audiovisual Acessível no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 56, n. 2, p. 313-345, out. 2017. ISSN 2175-764X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8648885/16533>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

VIEIRA, M. A. M. Autoconfrontação enunciativa discursiva e análise do trabalho psiquiátrico. **Intercâmbio**. ISSN 2237-759X, [S.l.], v. 13, out. 2004. ISSN 2237-759X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3994/2642>. Acesso em: 20 fev. 2018.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo, Editora 34, 2017.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map**: a beginner's guide to doing research in translation studies, Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

8. ANEXOS

Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética Profissional da UFSCar



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tradução audiovisual da língua portuguesa (LP) para a língua brasileira de sinais (Libras) a partir de vídeos institucionais: mapeamento de estratégias tradutórias por meio do dispositivo da autoconfrontação simples

Pesquisador: MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 94338418.5.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.873.469

Apresentação do Projeto:

A pesquisa intitulada "Tradução audiovisual da língua portuguesa (LP) para a língua brasileira de sinais (Libras) a partir de vídeos institucionais: mapeamento de estratégias tradutórias por meio do dispositivo da autoconfrontação simples" apresenta-se relevante. Diante desse novo campo de atuação na tradução e interpretação de Libras, a saber, atuação em vídeos, e com a regulamentação da acessibilidade pelas leis brasileiras, a pesquisa se justifica por propor uma análise dos próprios profissionais sobre sua atuação.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo deste estudo é analisar e descrever estratégias de tradução audiovisual na direção Língua Portuguesa – Libras a partir de um vídeo institucional de gênero divulgação científica realizada por um tradutor da Universidade Federal de São Carlos

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios decorrentes da pesquisa estão devidamente esclarecidos no projeto e no TCLE, bem como as medidas para amenizar desconfortos.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA
UF: SP **Município:** SAO CARLOS **CEP:** 13.565-905
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 2.873.469

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa com relevância científica e social e respeita os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS 466/2012 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- A folha de rosto confere com o título do projeto de pesquisa e apresenta a assinatura do pesquisador responsável e do responsável pela instituição conforme a resolução 466/12 do CNS/MS.
- Foram anexados os seguintes documentos obrigatórios: folha de rosto assinada, TCLE, projeto de pesquisa, Informações básicas, carta de aceite da instituição.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O estudo apresenta relevância acadêmica e respeita as normas éticas estabelecidas. Sendo assim recomenda-se sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1166953.pdf | 05/07/2018 15:09:33 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | LisProjetoFAPESPfinal.doc | 05/07/2018 15:06:24 | LIS MAXIMO E MELO | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | cartaautorizacaoinstituicao.pdf | 05/07/2018 15:02:45 | LIS MAXIMO E MELO | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 05/07/2018 15:00:34 | LIS MAXIMO E MELO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.doc | 29/06/2018 00:16:54 | LIS MAXIMO E MELO | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.873.469

SAO CARLOS, 04 de Setembro de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 03 de 03

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA (LP) PARA A LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) A PARTIR DE VÍDEOS INSTITUCIONAIS:
MAPEAMENTO DE ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS POR MEIO DO DISPOSITIVO
DA AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES**

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa *“Tradução audiovisual da língua portuguesa (LP) para a língua brasileira de sinais (Libras) a partir de vídeos institucionais: mapeamento de estratégias tradutórias por meio do dispositivo da autoconfrontação simples”*.

- 1) O objetivo deste estudo é analisar e descrever estratégias de tradução audiovisual na direção Língua Portuguesa – Libras a partir de um vídeo institucional de gênero divulgação científica realizada por um tradutor da Universidade Federal de São Carlos.
- 2) O (a) senhor (a) foi selecionado (a) por ser um dos profissionais tradutores e intérpretes da instituição e por ter atuado na tradução dos vídeos institucionais de divulgação científica desta universidade.
- 3) Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
- 4) A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os dados.
- 5) A coleta de dados será realizada em um encontro no qual você assistirá ao vídeo com sua tradução e tecerá comentários acerca das estratégias tradutórias que utilizou. Esses comentários serão filmados para termos o registro em áudio dos seus comentários e também a imagem da sua reação ao assistir o vídeo. Os instrumentos utilizados aqui serão um (i) notebook para a reprodução do filme, (ii) 2 câmeras digitais para a captação dos seus comentários posicionadas em duas perspectivas objetivas, uma câmera frontal registrando suas expressões faciais e corporais e uma câmera lateral registrando o vídeo no notebook além dos comentários; e (iii) um microfone de lapela para captação do áudio da voz.
- 6) Para esse estudo deverá ser utilizada sua imagem e identidades reais por dois motivos: (i) a língua objeto de comentário será a Libras e a língua de comentário será a Língua Portuguesa. Nesse sentido, será necessário, durante a transcrição, utilizar recortes de sua sinalização e imagem na discussão dos dados haja vista que os enunciados serão de natureza bimodal, ou seja, duas modalidades linguísticas diferentes (gesto-visual e oral-auditiva); e (ii) como sua imagem será utilizada, não faz sentido o uso de nomes fictícios. Por essa razão, utilizaremos, caso autorize, seu nome real a fim de dar autoria nos enunciados produzidos durante a coleta de dados. As gravações realizadas serão utilizadas somente para a pesquisa. Os dados não serão utilizados para prejudicar a sua atuação

- profissional ou de seus pares, nem estigmatizá-lo como indivíduo numa comunidade.
- 7) Assinando este termo você autoriza o uso da sua imagem, voz e nome para o uso em vídeo desta pesquisa científica de forma gratuita sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem, voz e nome ou a qualquer outro posteriormente. Sua imagem, voz e nome poderão ser exibidas em todo o território nacional e no exterior principalmente nas modalidades de apresentação de pesquisa científica como por exemplo (I) apresentação em congresso; (II) pôster; (III) publicações em revistas científicas ou anais de congressos (IV) relatórios.
 - 8) Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos, livros, capítulos de livros e publicações na mesma natureza.
 - 9) Durante a filmagem o (a) senhor (a) poderá sentir cansaço, constrangimento com a presença da pesquisadora durante a observação, perdendo a espontaneidade; ou até mesmo questionar sua prática profissional. Para que não se sinta prejudicado, podemos remarcar a filmagem para outro dia. Se ainda assim sentir muito desconforto você poderá desistir a qualquer momento retirando seu consentimento independente de justificativas e sem nenhum tipo de penalização.
 - 10) O senhor (a) não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo e não terá despesas diretas para responder a esse questionário.
 - 11) Como contrapartida, haverá a devolutiva da pesquisa para o (a) senhor (a). Neste momento daremos o feedback sobre a análise do material coletado em vídeo, ou seja, compartilharemos os resultados desta pesquisa primeiramente com você. Espera-se que essa pesquisa contribua diretamente com a formação de tradutores de Libras para atuarem nas produções audiovisuais demandadas socialmente na atualidade.
 - 12) O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o e-mail do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, em qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Aceito participar da pesquisa

Não aceito participar da pesquisa

São Carlos, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Lis Maximo e Melo
Assistente da Pesquisa

Endereço: Rua Theodolina Modena Cocca, 85, apto 231, Vila Rancho Velho, São Carlos/SP, CEP 13569-055.

Contato telefônico: (16) 99707-4655

Email: lismaximo@gmail.com

Prof. Dr. Marcus Vinicius Batista Nascimento
Pesquisador Responsável

Endereço: Rodovia Washington Luiz Km 235 – Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Psicologia, Jardim Guanabara, São Carlos/SP, CEP 13565-905.

Contato telefônico: (11) 98413-0181

E-mail: nascimento_v@ufscar.br